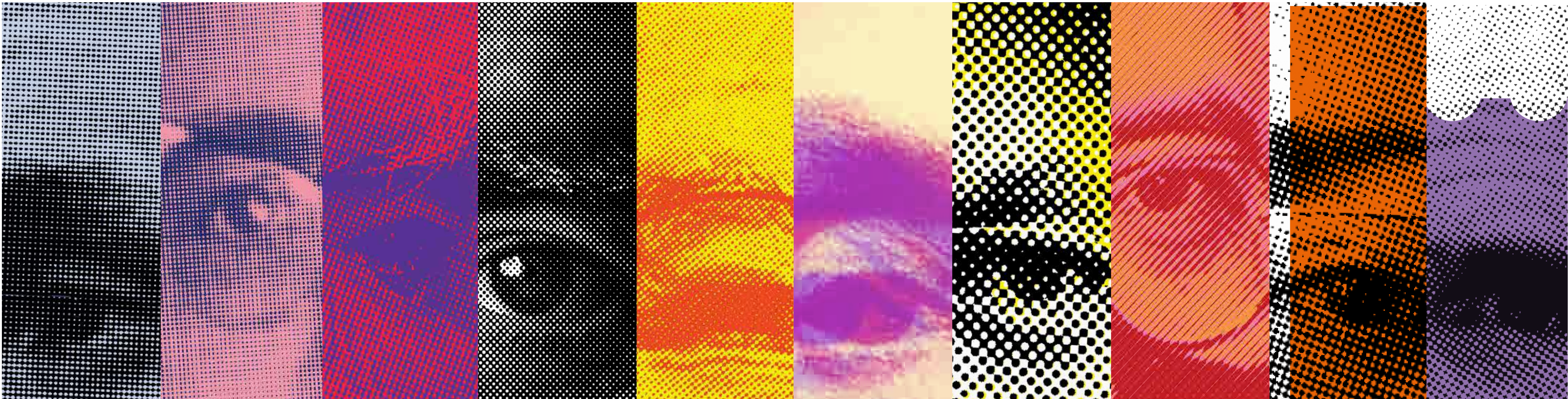
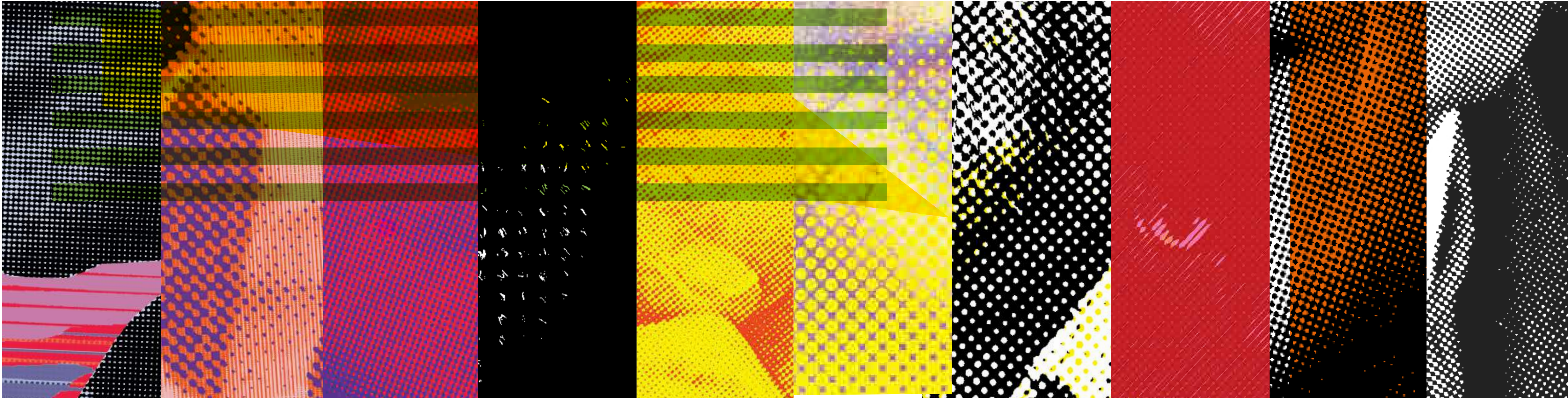


PRÉMIO CÂMÕES

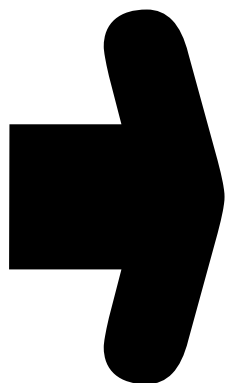
 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA
DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E
DAS BIBLIOTECAS



1989 MIGUEL TORGA | **1990** JOÃO CABRAL DE MELO NETO | **1991** JOSÉ CRAVEIRINHA | **1992** VERGÍLIO FERREIRA
1993 RACHEL DE QUEIROZ | **1994** JORGE AMADO | **1995** JOSÉ SARAMAGO | **1996** EDUARDO LOURENÇO | **1997** PEPETELA
1998 ANTÔNIO CÂNDIDO | **1999** SOPHIA DE MELO BREYNER ANDRESEN | **2000** AUTRAN DOURADO | **2001** EUGÉNIO DE ANDRADE
2002 MARIA VELHO DA COSTA | **2003** RUBEM FONSECA | **2004** AGUSTINA BESSA-LUÍS | **2005** LYGIA FAGUNDES TELLES
2006 LUANDINO VIEIRA | **2007** ANTÓNIO LOBO ANTUNES | **2008** JOÃO UBALDO RIBEIRO | **2009** ARMÉNIO VIEIRA | **2010** FERREIRA GULLAR
2011 MANUEL ANTÓNIO PINA | **2012** DALTON TREVISAN | **2013** MIA COUTO | **2014** ALBERTO DA COSTA E SILVA | **2015** HÉLIA CORREIA
2016 RADUAN NASSAR | **2017** MANUEL ALEGRE | **2018** GERMANO DE ALMEIDA | **2019** CHICO BUARQUE | **2020** VÍTOR AGUIAR E SILVA
2021 PAULINA CHIZIANE | **2020** SILVANO SANTIAGO | **2023** JOÃO BARRENTO | **2024** ADÉLIA PRADO | **2025** ANA PAULA TAVARES



PRÉMIO
CAMÕES



O Prémio Camões foi instituído em 1989 pelos Estados brasileiro e português, com o objetivo de valorizar a literatura de língua portuguesa, considerada como património comum de todos os países lusófonos – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O objetivo é premiar, em vida, um escritor com obra relevante para o enriquecimento e a projeção da literatura em português, nas suas múltiplas expressões. O Prémio é atribuído anualmente, e compete a um júri composto por seis personalidades, especialistas das várias literaturas em língua portuguesa, a escolha do galardoado.

O Prémio Camões é o maior prémio literário atribuído a um escritor de língua portuguesa. Com esta distinção, assinala-se o reconhecimento do autor laureado, mas também a importância da literatura lusófona, dentro e fora a comunidade de países que integra.

Por ordem cronológica, são estes os escritores galardoados com o Prémio Camões:

Miguel Torga (Portugal), João Cabral de Mello Neto (Brasil), José Craveirinha (Moçambique), Vergílio Ferreira (Portugal), Rachel de Queiroz (Brasil), Jorge Amado (Brasil), José Saramago (Portugal), Eduardo Lourenço (Portugal), Pepetela (Angola), António Cândido (Brasil), Sophia de Mello Breyner Andresen (Portugal), Autran Dourado (Brasil), Eugénio de Andrade (Portugal), Maria Velho da Costa (Portugal), Rubem Fonseca (Brasil), Agustina Bessa-Luís (Portugal), Lygia Fagundes Telles (Brasil), Luandino Vieira (Angola), António Lobo Antunes (Portugal), João Ubaldo Ribeiro (Brasil), Arménio Vieira (Cabo Verde), Ferreira Gullar (Brasil), Manuel António Pina (Portugal), Dalton Trevisan (Brasil), Mia Couto (Moçambique), Alberto da Costa e Silva (Brasil), Hélia Correia (Portugal), Radouan Nassar (Brasil), Manuel Alegre (Portugal), Germano Almeida (Cabo Verde), Chico Buarque (Brasil), Vítor Aguiar e Silva (Portugal), Paulina Chiziane (Moçambique), Silviano Santiago (Brasil) João Barrento (Portugal), Adélia Prado (Brasil) e Ana Paula Tavares (Angola).

1989
PRÉMIO
CAMÕES

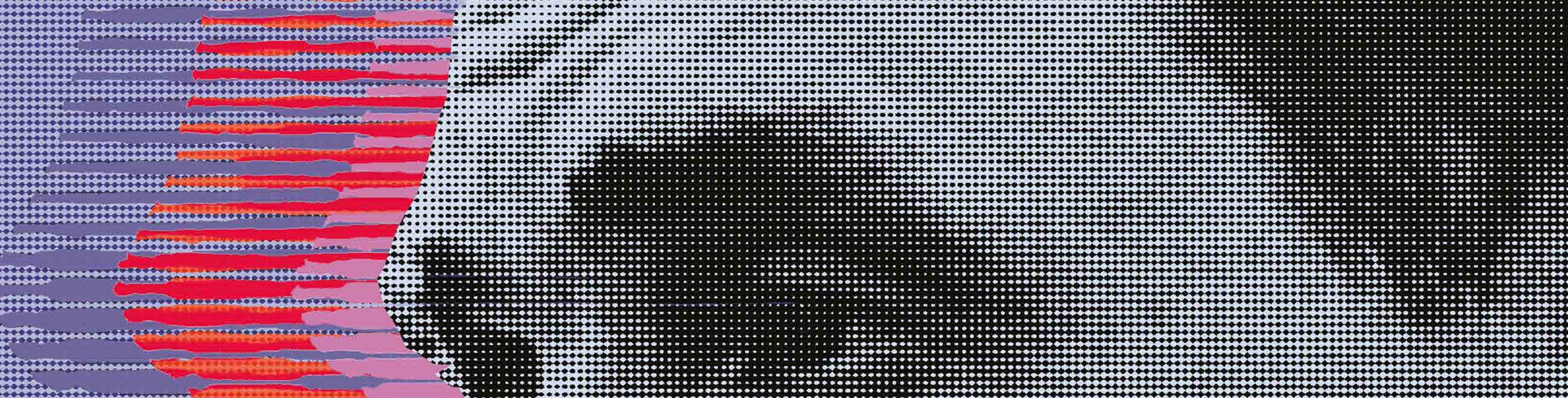
Miguel
Torga
n. SÃO MARTINHO DE ANTA,
1907-1995

Pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha. Frequentou o seminário de Lamego durante um ano, mas por não se adaptar, viajou para o Brasil com apenas 13 anos para trabalhar na fazenda de um tio em Minas Gerais. Com 18 anos regressou a Portugal, completou os estudos de liceu em três anos e licenciou-se em Medicina, tendo exercido a profissão de otorrinolaringologista até ao fim da vida. Opositor assumido da ditadura, foi preso, teve vários livros apreendidos, e foi considerado um exemplo cívico do combate ao salazarismo.

Depois de uma breve colaboração na revista *Presença*, que abandona por «razões de discordância estética e razões de liberdade humana», percorre um caminho de austera independência face a grupos e movimentos literários, sempre guiado por um forte imperativo ético e político, sendo por diversas vezes proposto ao Prémio Nobel. Autor de uma obra disseminada pela multiplicidade dos géneros, a sua produção literária, com um forte cunho autobiográfico, reflete uma revolta e um inconformismo que se traduzem num desespero humanista, mas também religioso, no qual afloram as grandes questões de uma vida humana: a grandeza e a fragilidade, a justiça e a iniquidade, o amor e a solidão, a finitude e a morte.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1993), Grande Prémio Vida Literária APE (1992), Prémio de Literatura Écureuil do Salão do Livro de Bordéus (1991), Prémio Internacional Montaigne (1981), Prémio Morgado de Mateus (1980), Prémio de Poesia da XII Bienal de Internacional de Poesia de Knokke-Heist (1976), Prémio do Diário de Notícias (1969).





1990
PRÊMIO
CAMÕES

João
Cabral
de Melo
Neto
n. RECIFE,
1920-1999

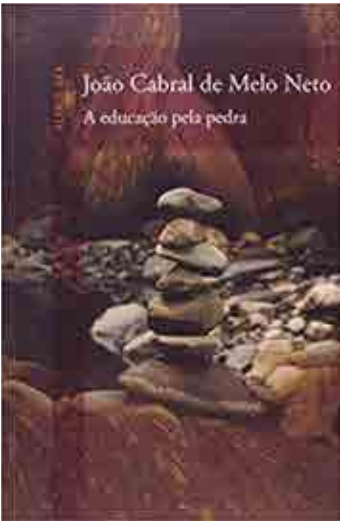
Viveu a infância no interior de Pernambuco, onde residiu até ao fim do ensino secundário. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1945, ingressou na carreira diplomática. Em 1952, quando o Partido Comunista do Brasil estava na ilegalidade, foi acusado de criar uma célula comunista no Itamaraty e esteve quase três anos afastado de funções. No decurso da sua carreira diplomática, serviu em Espanha, Inglaterra, França, Suíça, Paraguai, Senegal, Equador, Honduras e Portugal. Em 1968, ano da publicação de *Poesias Completas*, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1992 começou a sofrer de cegueira progressiva. Privado da possibilidade de ler e escrever, viveu os últimos anos de vida cercado pela depressão.

Conhecedor da miséria do Sertão e da Espanha franquista, escreveu livros como *O Cão Sem Plumas* (1950) e *O Rio* (1954), marcados pelo empenhamento político. Em 1955 publicou *Morte e Vida Severina*, um auto de Natal do folclore pernambucano, no qual a incorporação da cultura popular e a temática social assumem particular relevo. O sucesso da encenação deste poema narrativo, em 1965, tornou-o conhecido do grande público. *A Educação pela Pedra*, publicado em 1966, é um marco na sua obra e um dos livros mais importantes da literatura brasileira. Neste livro ensaia um método de composição, exposto no poema homónimo, que busca para os poemas a consistência e objetividade de uma “pedra”. Conhecido como “poeta-engenheiro”, fez da sua poesia a procura incessante da expressão exata e concisa, despida de subjetividade e artifícios, inaugurando um modelo expressivo que o tornou um dos autores mais influentes da literatura brasileira do século XX.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Reina Sofia de Poesia Iberoamericana (1994), Neustadt International Prize for Literature (1992), Prémio da União Brasileira de Escritores (1988), Prémio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1967), Prémio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras (1955), Prémio José de Anchieta de Poesia (1954). Foi agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada (Portugal) e a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo (Portugal).



Autor: João Cabral de Melo Neto
Título: Poesia Completa
Editora: Alfaguara



Autor: João Cabral de Melo Neto
Título: A Educação pela Pedra
Editora: Alfaguara



Autor: João Cabral de Melo Neto
Título: Morte e Vida Severina
Editora: Alfaguara



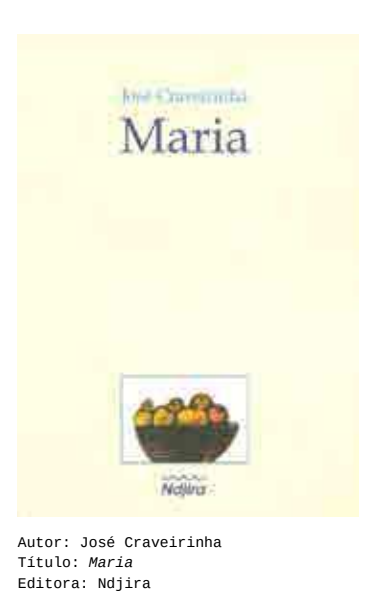
1991
PRÉMIO
CAMÕES

José
Cravei-
inha
n. LOURENÇO MARQUES,
1922 - 2003

Nascido no seio de uma família de poucos recursos, foi obrigado a abandonar os estudos após a conclusão da escola primária, mas continuou a estudar em casa, desenvolvendo a paixão pela leitura. Autodidata, foi funcionário público, cronista desportivo, trabalhou em diversos jornais, publicou uma série de artigos ensaísticos sobre folclore moçambicano, tendo sido o primeiro jornalista oficialmente sindicalizado. Politicamente empenhado, fez campanha contra o racismo, foi presidente da Associação Africana na década de 50 e, entre 1965 e 1969, esteve preso em virtude da sua ligação à FRELIMO. Após a independência de Moçambique, foi vice-diretor da Imprensa Nacional e o primeiro presidente da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Poeta, contista e cronista, figura tutelar da literatura do seu país e voz destacada da literatura africana, a sua obra reflete a influência do surrealismo e do neorrealismo português, mas está ancorada na cultura moçambicana, retratando a sua realidade social e política, em particular o racismo, a dominação colonial e o imperativo nacionalista de autodeterminação. Autor de forte consciência cívica e política, a sua poesia incorpora elementos do quotidiano, os afetos, os laços familiares, as pequenas ilusões e alegrias do dia a dia, que radicam nas camadas mais profundas do povo moçambicano. Parte da sua obra permanece dispersa na imprensa, poemas seus foram traduzidos em várias línguas e figuram em numerosas antologias de poesia africana.

Foi o primeiro autor africano a ser distinguido com o Prémio Camões. A sua obra recebeu numerosos prémios, entre os quais: Prémio “Vida Literária” da Associação de Escritores Moçambicanos (2002), Prémio Lotus da Associação de Escritores Afro-Asiáticos (1983), Prémio Nacional de Poesia de Itália (1975), Prémio Alexandre Dáskalos da Casa dos Estudantes do Império (1962), Prémio de Ensaio do Centro de Arte e Cultura da Beira (1961), Prémio Cidade de Lourenço Marques (1959). Foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique (Portugal), recebeu a Medalha de Mérito da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (Brasil) e a Medalha Nachingwea do Governo (Moçambique).



Vergílio Ferreira

n.MELO,
1916-1996

Inicialmente ligado ao neorrealismo, cedo se afasta desta corrente literária, erigindo uma obra intensamente original centrada no indivíduo e nos abismos do seu estar no mundo. Ficcionista, ensaísta e diarista, ergue, livro após livro, uma obra em que a filosofia e a literatura se entrelaçam na busca da compreensão das grandes questões da existência: o amor e os laços familiares, a erosão das ideologias e dos valores, a passagem do tempo e a persistência da memória, a degradação do corpo e a preparação para a morte, o sentido da vida e o sentido da arte. Este movimento contínuo de busca e construção de sentido culmina no ciclo sublime de livros derradeiros que se estende de *Para Sempre* (1983) a *Na Tua Face* (1993).

**VERGÍLIO
FERREIRA**

OBRA COMPLETA

ATE-AOHM

vol. 001-2



ATE-AOHM

VERGÍLIO
FERREIRA

OBRA COMPLETA

PARACLETUS


edición

VERGÍLIO
FERREIRA

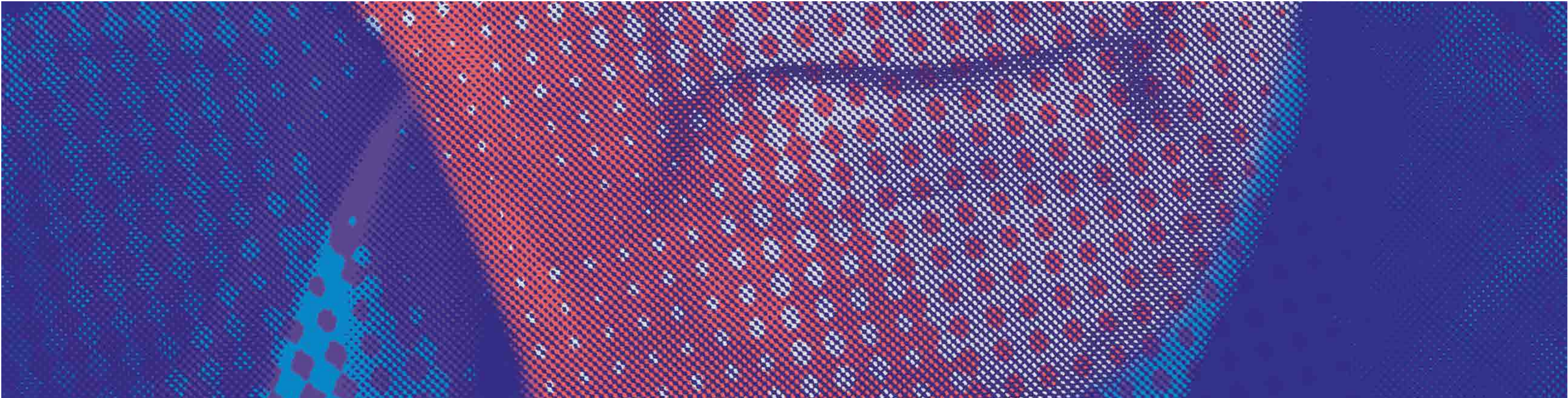
OBRA COMPLETA

UMA SEQUÊNCIA DE TEXTOS

VOLUME 1

ed. ASA

Autor: Vergílio Ferreira
Título: *Em Nome da Terra*
Editora: Quetzal





1993
PRÊMIO
CAMÕES

Rachel de
Queiroz
n. FORTALEZA,
1910-2003

Formou-se como professora em 1925, com apenas 15 anos. Em 1927 coordenou a página literária do jornal *O Ceará*. Na década de 30 militou no Partido Comunista e, em 1937, foi presa por defender ideias esquerdistas. Nessa época, colaborou regularmente com jornais e revistas, dedicando-se à crônica, ao teatro e à tradução. Nas décadas de 40 e 50 assinou a crônica da última página da revista *O Cruzeiro*. Em 1966 participou na 21.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, onde serviu como delegada do Brasil na Comissão dos Direitos do Homem. De 1967 a 1989, foi membro do Conselho Federal de Cultura. A partir de 1988, escreveu semanalmente para *O Estado de São Paulo* e para o *Diário de Pernambuco*. Foi a primeira mulher a ser eleita, em 1977, para a Academia Brasileira de Letras.

Em 1930 publicou *O Quinze*, uma narrativa de fundo social que denuncia a miséria e o sofrimento da população do Ceará. O romance teve grande repercussão, conquistando o prêmio Graça Aranha. Em 1939 conquistou um novo prêmio com o romance *As Três Marias*. Neste romance de formação descreve o processo de crescimento de três amigas, alunas de um colégio de freiras, acompanhando-as desde os medos e incertezas da juventude até às interrogações e dificuldades da vida adulta. A sua obra prossegue, dando voz a protagonistas femininas: *Dôra, Doralina* (1975) narra a emancipação de Maria das Dores após a viuvez de um casamento de conveniência e *Memorial de Maria Moura* (1992) centra-se na luta de Maria Moura para salvar a sua terra contra todas as adversidades. Autora de livros que marcaram gerações de leitores, a sua prosa retrata numa linguagem depurada o nordeste brasileiro, o flagelo da seca, o coronelismo, e o papel das mulheres numa sociedade arcaica patriarcal.

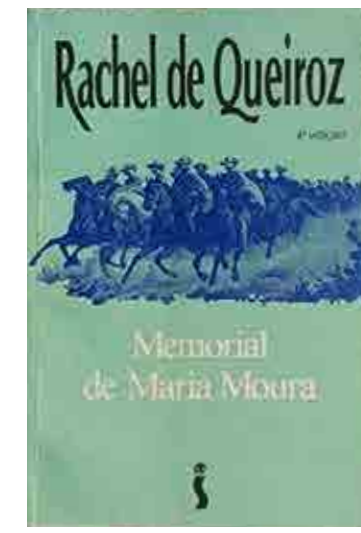
A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1993, 1970), Prêmio Nacional de Literatura de Brasília (1980), Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (1958), Prêmio Sociedade Felipe d'Oliveira (1939), Prêmio Fundação Graça Aranha (1930). Recebeu a Medalha Rio Branco do Itamaraty, a Medalha Marechal Mascarenhas de Moraes e a Medalha do Mérito Militar no grau de Grande Comendador.



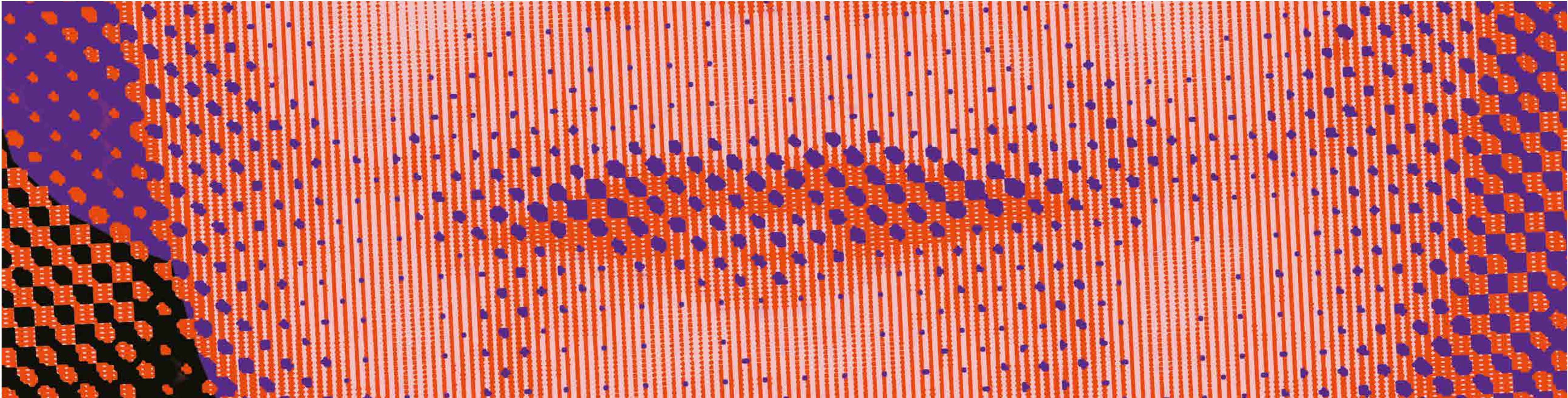
Autor: Rachel de Queiroz
Título: As Três Marias
Editora: José Olympio

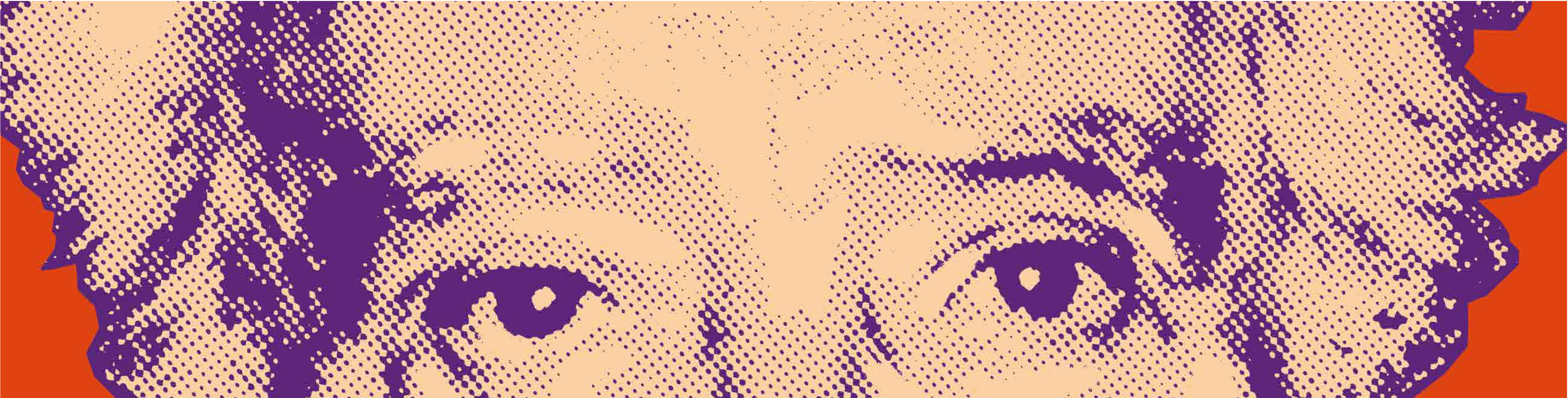


Autor: Rachel de Queiroz
Título: Dôra, Doralina
Editora: José Olympio



Autor: Rachel de Queiroz
Título: Memorial de Maria Moura
Editora: Siciliano





1994

PRÊMIO CAMÕES

Jorge Amado

n. FERRADAS,
1912-2001

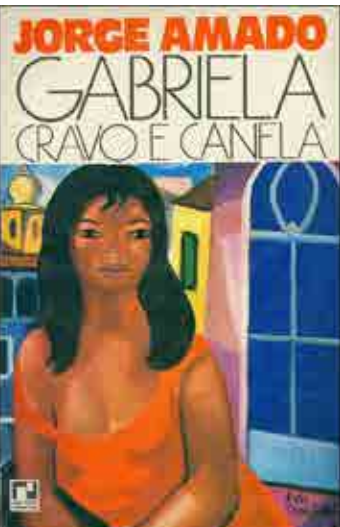
Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, nunca exerceu a advocacia. Foi um dos fundadores da Academia dos Rebeldes, grupo de jovens que teve um papel importante na renovação das letras baianas. Foi repórter no *Diário da Bahia* e na revista literária *A Luva*. Militante comunista, foi diversas vezes preso, teve livros apreendidos, viveu exilado na Argentina, Uruguai, França e Tchecoslováquia. Em 1955 abandonou a militância política, dedicando-se por inteiro à literatura. Em 1961 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Em 1931, com apenas 18 anos, publicou o seu primeiro romance *O País do Carnaval*, seguindo-se *Cacau* (1933) e *Suor* (1934). Em 1941 exilou-se na Argentina e começou a redigir a biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes, *O Cavaleiro da Esperança* (1942). Com *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Os Velhos Marinheiros* (1961) e *Dona Flor e os Seus Dois Maridos* (1966), a sua obra afasta-se de uma intenção ideológica expressa, trazendo ao primeiro plano o humor, a sensualidade, a miscigenação e o sincretismo religioso. Apesar desta inflexão, permaneceu um escritor voltado para o povo, escreveu sobre a Bahia, denunciou injustiças, falou dos humildes para os humildes. Considerado um dos grandes nomes do modernismo e um dos escritores brasileiros mais conhecidos em todo o mundo, com dezenas de livros adaptados para o cinema e televisão, a sua obra recria, numa prosa viva e popular, a paisagem física e humana do Brasil.

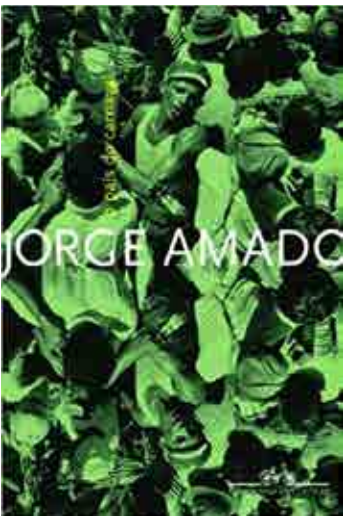
A sua obra foi distinguida com numerosos prémios nacionais e internacionais, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio do Ministério da Cultura (1997), Prémio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1995, 1984, 1962, 1959), Prémio Mundial Cino Del Duca (1990), Prémio Brasília de Literatura (1983), Prémio do Instituto Italo-americano (1976), Prémio Juca Pato (1969), Prémio Machado de Assis do Instituto Nacional do Livro (1959), Prémio Stalin da Paz (1951). Entre outras distinções, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem do Congresso Nacional, a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Cultural, o grau de Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada (Portugal), o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique (Portugal), o grau de Comendador da Ordem Andrés Bello (Venezuela), o grau de Comendador da Ordem das Artes e das Letras (França) e o grau de Comendador da Legião de Honra (França).



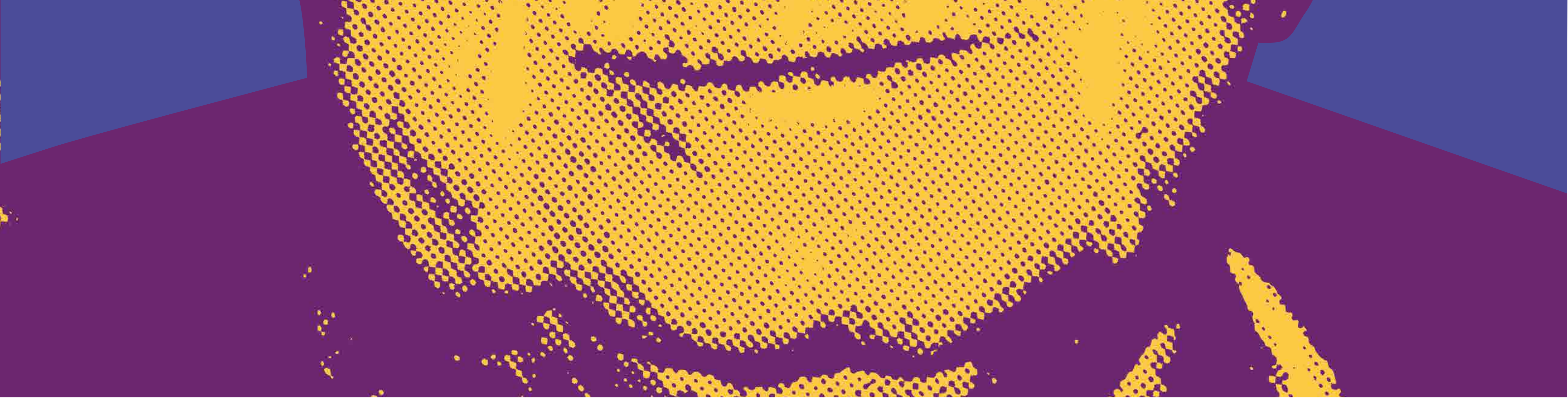
Autor: Jorge Amado
Título: Os Velhos Marinheiros
Editora: Martins



Autor: Jorge Amado
Título: Gabriela, Cravo e Canela
Editora: Record



Autor: Jorge Amado
Título: O País do Carnaval
Editora: Companhia das Letras



José Saramago

n. AZINHAGA,
1922-2010

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Nobel de Literatura (1998), Prémio Rosalía de Castro (1996), Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (1993), The Independent Foreign Fiction Award (1993), Prémio Brancatti (1992), Prémio Internacional Mondello (1992), Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB (1991), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1985), Prémio PEN Clube Português de Narrativa (1985 e 1982), Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (1984). Recebeu o Grande-Colar da Ordem de Camões (a título póstumo), o Grande-Colar da Ordem de Sant'Iago da Espada e o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras (França).



Autor: José Saramago
Título: *Ensaio sobre a Cegueira*
Editora: Porto Editora



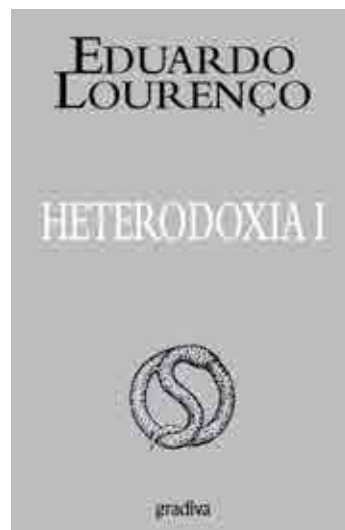
1996
PRÊMIO
CAMÕES

Eduardo
Lourenço
n. SÃO PEDRO DE RIO SECO,
1923-2020

Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra, onde permaneceu como assistente de Filosofia até 1953. Deixou Portugal em 1954 e foi professor de Cultura Portuguesa e de Filosofia, na Alemanha e no Brasil. Em 1960 fixou-se definitivamente em França, lecionando na Universidade de Grenoble e, a partir de 1965, na Universidade de Nice, onde permaneceu até à jubilação em 1988.

O prolongado afastamento geográfico não correspondeu a qualquer corte com a realidade portuguesa, servindo ao invés para reforçar o seu espírito crítico, tornando-o um observador privilegiado e respeitado da cena política, social e cultural do país. Intérprete maior da cultura portuguesa no seu desenvolvimento histórico e comentador atento do mundo contemporâneo, a sua obra irradiante e pluricêntrica é irredutível a qualquer esquema ou convenção. A sua extensa produção ensaística, à qual acresce um vasto espólio inédito em curso de publicação, constitui uma referência nos estudos de literatura e arte, com particular atenção à poesia e à língua e cultura portuguesas na sua relação com a Europa e com o mundo.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prix du Rayonnement de la langue et de la littérature françaises da Académie Française (2016), Prémio Jacinto do Prado Coelho (2012 e 1986), Prémio Pessoa (2011), Prémio Extremadura a la Creación (2006), Prémio Europeu de Ensaio Charles Veillon (1988), Prémio PEN Clube Português de Ensaio (1984). Recebeu a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras (França), o grau de Oficial da Ordem Nacional de Mérito (França) e a Legião de Honra (França).



Autor: Eduardo Lourenço
Título: *Heterodoxia I*
Editora: Gradiva



Autor: Eduardo Lourenço
Título: *Poesia e Metafísica - Camões, Antero, Pessoa*
Editora: Gradiva



Autor: Eduardo Lourenço
Título: *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*
Editora: Gradiva



Pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. Frequentou o curso de engenharia no Instituto Superior Técnico e o curso de letras na Universidade de Lisboa. Em 1962 viajou para França e, posteriormente, para a Argélia, formando-se em Sociologia. Em Argel, trabalhou no Centro de Estudos Angolanos na documentação da cultura angolana e na propaganda das mensagens do MPLA ao exterior. Participou na luta armada pela libertação de Angola, desempenhou os cargos de diretor do Departamento de Educação e Cultura e do Departamento de Orientação Política e foi ainda Vice-Ministro da Educação. Abandonou a vida política ativa para se dedicar à escrita e lecionar sociologia na Universidade Agostinho Neto.

Os seus primeiros livros foram escritos no mato, no período de guerrilha entre 1969 e 1974, e *Mayombe* (1979), o seu romance mais conhecido, narra as aventuras de guerrilheiros do MPLA na luta pela independência. Testemunho da história de Angola, do passado e do presente, a sua obra retrata numa linguagem simples, de forte poder comunicacional, a sociedade e a cultura angolanas, destacando-se a influência do colonialismo, a guerra de independência e o período atual da república, com as suas contradições e utopias perdidas. Muito além de uma literatura guiada pelo impulso ficcional, os seus romances são elementos fundamentais para compreender a realidade angolana numa perspetiva histórica e política.

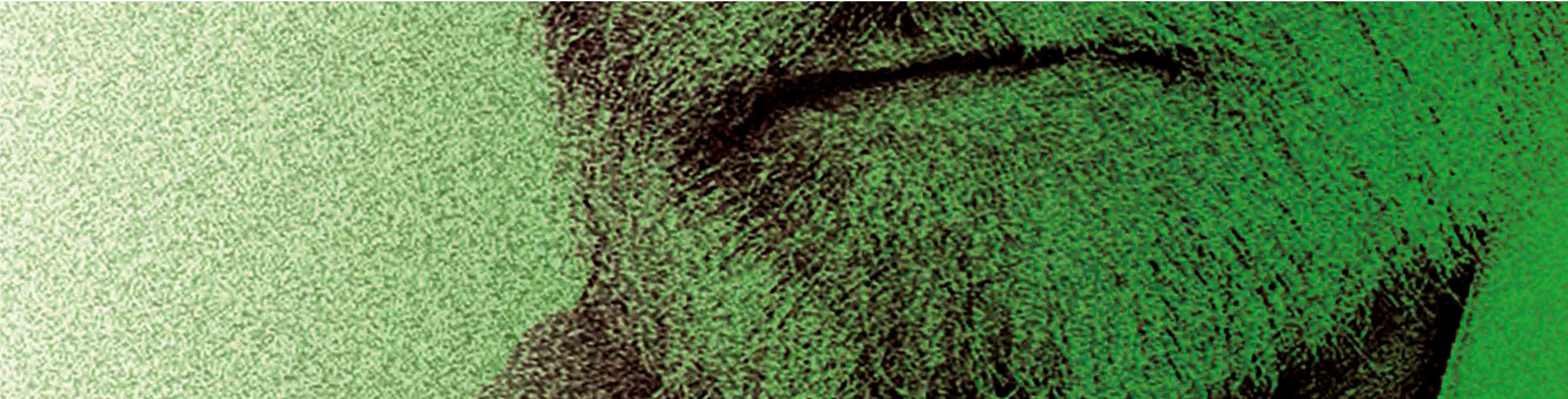
Foi o primeiro autor angolano distinguido com o Prémio Camões. A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais: Prémio Fonlon-Nichols da Associação Africana de Literatura (2015), Prémio Rosália de Castro do Centro PEN da Galiza (2014), Prémio Internacional da Associação dos Escritores Galegos (2007), Prémio Nacional de Cultura e Artes (2002), Prémio Prinz Claus (1999), Prémio Especial dos Críticos de São Paulo (1993), Prémio Nacional de Literatura (1985 e 1980). Entre outras distinções, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cívico (Angola), a Medalha de Mérito de Combatente da Libertação (MPLA) e o grau de Comendador da Ordem do Mérito Cultural da República (Brasil).



PEPETELA
O PLANALTO e a ESTEPE
(Capítulo, um planalto ou um rio, dois, o Estepo e o Planalto)



Autor: Pepetela
Título: O Planalto e a Estepe
Editora: Don Quixote



1998
PRÊMIO
CAMÕES

Antônio
Cândido
n. RIO DE JANEIRO,
1919-2004

Licenciou-se e doutorou-se em Ciências Sociais, foi professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, professor associado de Literatura Brasileira na Universidade de Paris e professor visitante na Universidade de Yale. Foi crítico literário da revista *Clima* e dos jornais *Folha da Manhã* e *Diário de São Paulo*. Sempre politicamente empenhado, militou no Partido Socialista Brasileiro, participou no Grupo Radical de Ação Popular e no processo de fundação do Partido dos Trabalhadores.

A sua análise inovadora das relações entre forma literária e processo social, bem como a interdisciplinaridade implicada no seu método comparatista e dialético, renovaram a sociologia e os estudos literários brasileiros, inspirando sucessivas gerações. Dotado de grande erudição, é autor de obras fundamentais como a *Formação da Literatura Brasileira - Momentos Decisivos* (1959), *Os Parceiros do Rio Bonito* (1964) e *O Discurso e a Cidade* (1993). Referência da crítica literária brasileira, pela sua busca de objetividade e imparcialidade, na sua extensa colaboração na imprensa, livros publicados, aulas e conferências, iluminou a literatura brasileira e a história cultural do Brasil.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Juca Pato (2007), Prêmio Internacional Alfonso Reyes (2005), Prêmio Anísio Teixeira (1996), Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (1993), Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1993, 1966, 1965, 1960). Recebeu a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e o grau de Oficial da Academia (França).



Autor: Antônio Cândido
Título: *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*
Editora: Martins



Autor: Antônio Cândido
Título: *Os Parceiros do Rio Bonito*
Editora: José Olympio

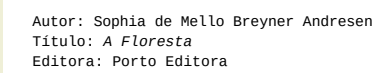
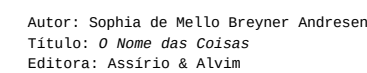
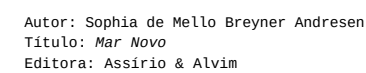


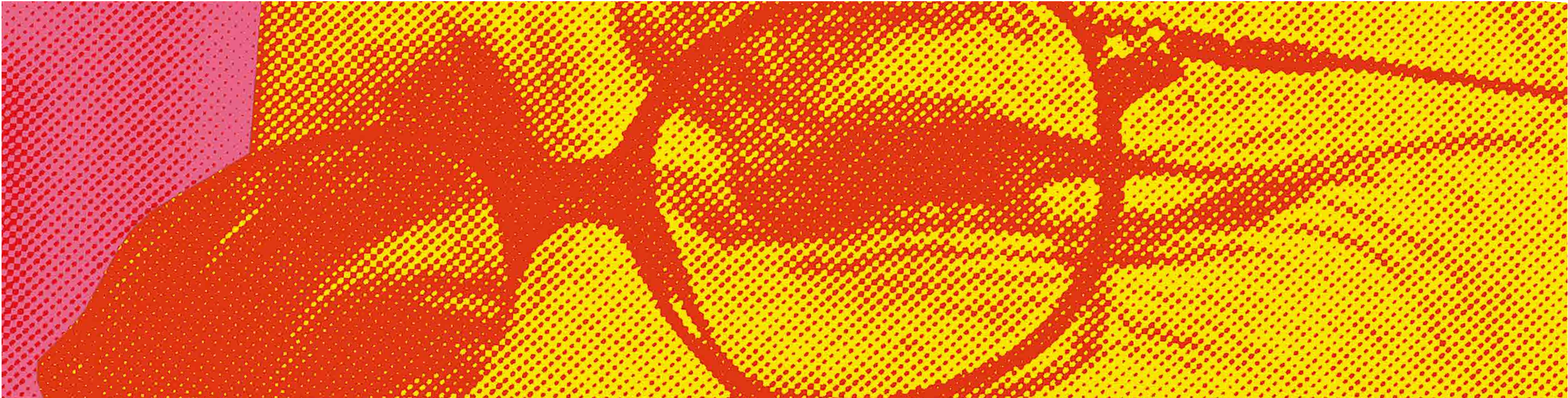
Autor: Antônio Cândido
Título: *O Discurso e a Cidade*
Editora: Duas Cidades

n.PORTO,
1919-2004

Poeta e contista, é igualmente autora de uma obra para a infância que começou a escrever para os seus filhos e se tornou património de sucessivas gerações. Escreveu também artigos e ensaios, peças de teatro, e traduziu clássicos da literatura universal, entre os quais as obras de Eurípides, Dante e Shakespeare. A sua obra poética, de perfil clássico, escrita numa linguagem límpida, feita de evocações das coisas simples, conjugadas com alusões à história e aos antigos mitos da cultura humana, associa um elevado rigor de expressão a uma singular exigência de essencialidade e busca do primordial.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Reina Sofia de Poesia Ibero-Americana (2003), Prémio Pessoa (1999), Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (1994), Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens (1992), Prémio PEN Clube Português de Poesia (1990), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1983), Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores (1964). Recebeu o Grande-Colar da Ordem de Sant'Iago da Espada (a título póstumo) e a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada.





2000
PRÊMIO
CAMÕES

Autran
Dourado
n. PATOS DE MINAS,
1926-2012

Licenciou-se em Direito. Enquanto estudante universitário criou a revista *Edifício*, da qual foi redator-chefe, trabalhou como taquígrafo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e foi colaborador do Jornal *Estado de Minas*. Em 1954 mudou-se para o Rio de Janeiro, a fim de exercer o cargo de secretário de imprensa da Presidência, durante o governo social-democrata de Juscelino Kubitschek. Ao longo de toda a sua vida, conjugou o exercício da advocacia com a atividade literária.

Com dois livros premiados na década de 50, *Sombra e Exílio* (1950) e *Tempo de Amar* (1952), foi na década de 60 que publicou as obras que o consagraram: *A Barca dos Homens* (1961) e *Ópera dos Mortos* (1967), o seu romance mais célebre. Em 1973 publicou *O Risco do Bordado*, um romance de formação, considerado pelo autor o eixo central da sua obra. Em 1981 publicou *As Imaginações Pecaminosas*, premiado com o Jabuti e o prêmio Goethe de literatura. Escritor prolífico que nenhuma margem conteve, tendo inclusive publicado ensaios sobre o seu processo de criação, a sua obra renovou a literatura brasileira. Criando a cidade imaginária de Duas Pontes, elevando o interior de Minas Gerais à universalidade da vida humana, a sua obra forma um políptico em que as gerações se sucedem, transitando entre os séculos do apogeu da mineração do ouro até aos dias de hoje.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2008), Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1982), Prêmio Goethe de Literatura (1981), Prêmio Mário Sette (1971), Prêmio PEN Clube do Brasil (1970), Prêmio Fernando Chinaglia (1961), Prêmio Cidade de Belo Horizonte (1952).



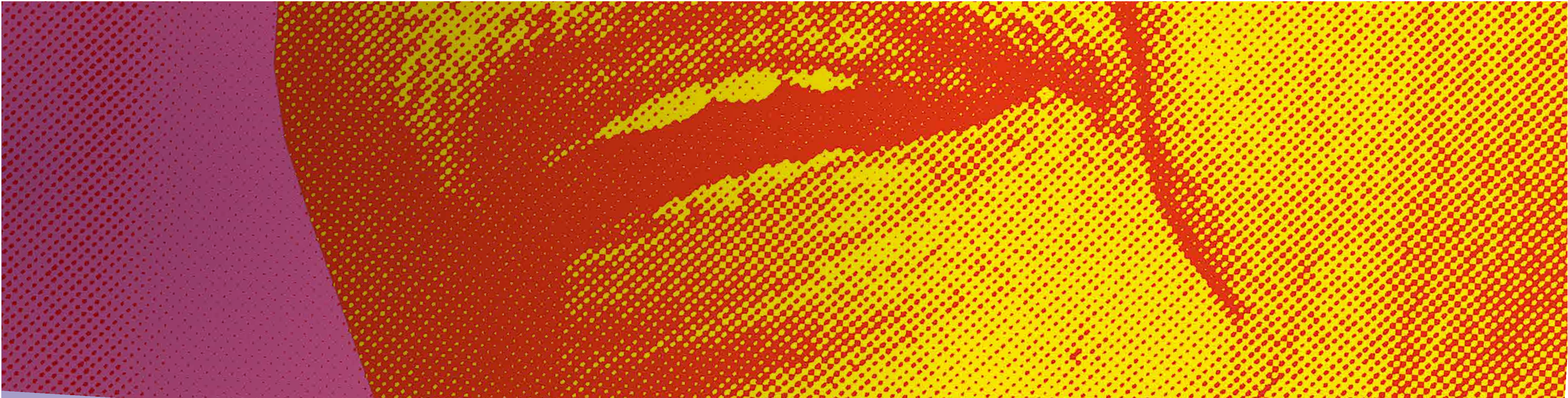
Autor: Autran Dourado
Título: Ópera dos Mortos
Editora: Rocco

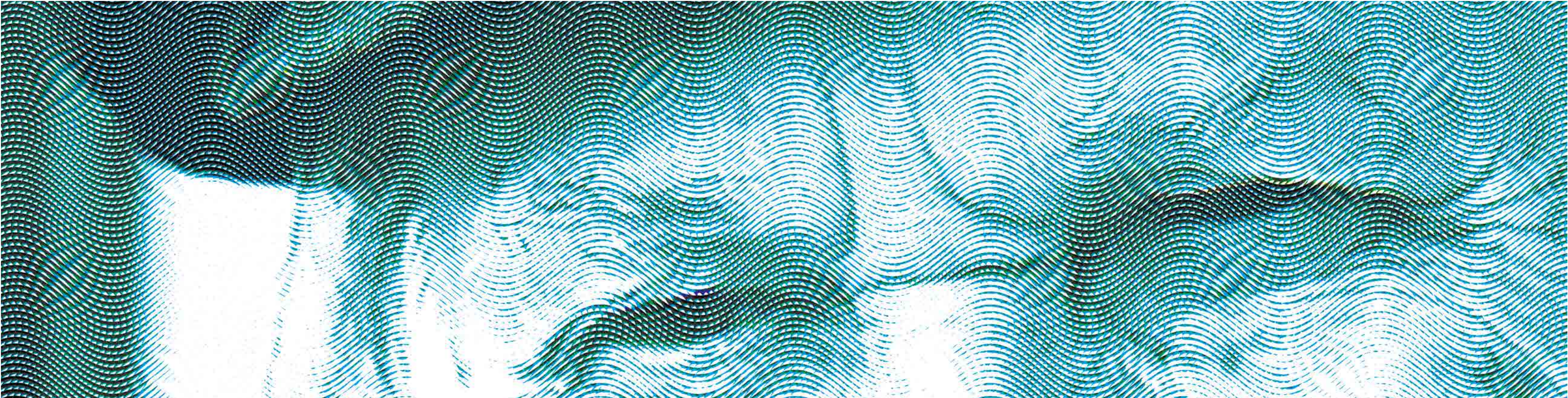


Autor: Autran Dourado
Título: As Imaginações Pecaminosas
Editora: Rocco



Autor: Autran Dourado
Título: Sombra e Exílio
Editora: João Calazans





2001
PRÉMIO
CAMÕES

Eugénio
de Andrade
n. PÓVOA DE ATALAIA,
1923-2005

Pseudónimo de José Fontinhas. Foi funcionário público, exercendo as funções de inspetor administrativo do Ministério da Saúde. Na década de 40 conviveu em Coimbra com alguns dos maiores vultos da literatura e do pensamento português da época, como Miguel Torga, Carlos de Oliveira e Eduardo Lourenço, período em que publica os seus primeiros livros. Em 1950, por razões de serviço passa a residir no Porto, cidade que adotou para viver e da qual foi cidadão honorário.

Contemporâneo dos movimentos neorrealista e surrealista, a sua poesia afasta-se destas escolas literárias, constituindo-se como uma escrita de elevada depuração linguística, rítmica e fonética, que se exprime através de imagens que refletem geografias e ambiências meridionais de forte impressão sensível. Poeta consagrado, não se limitou à poesia, escreveu ensaios e prefácios, bem como livros dedicados à infância. Organizou antologias de poesia portuguesa e estrangeira, assumindo nestas o ofício de tradutor. A casa do poeta, no Passeio Alegre, albergou durante vários anos a Fundação Eugénio de Andrade, instituída para divulgação e estudo da sua obra.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio PEN Clube Português de Poesia (2002), Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (2000), Prémio Extremadura a la Creación (2000), Grande Prémio de Poesia APE/CTT (1988), Prémio D. Diniz (1987), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1985). Recebeu o grau de Grande-Oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada e a Grã-Cruz da Ordem do Mérito.



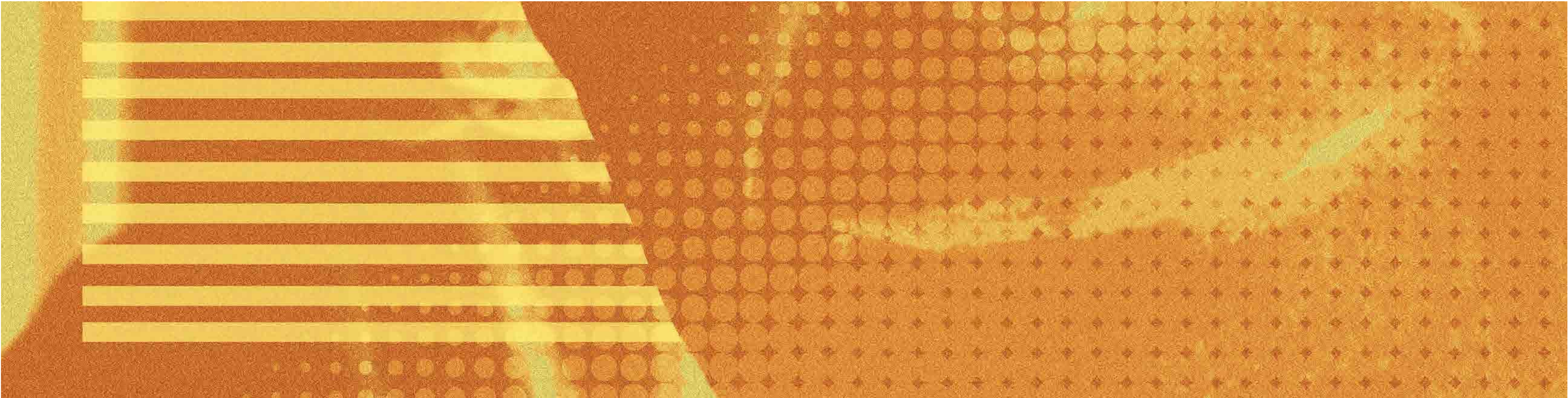
Autor: Eugénio de Andrade
Título: O outro nome da terra
Editora: Assírio & Alvim

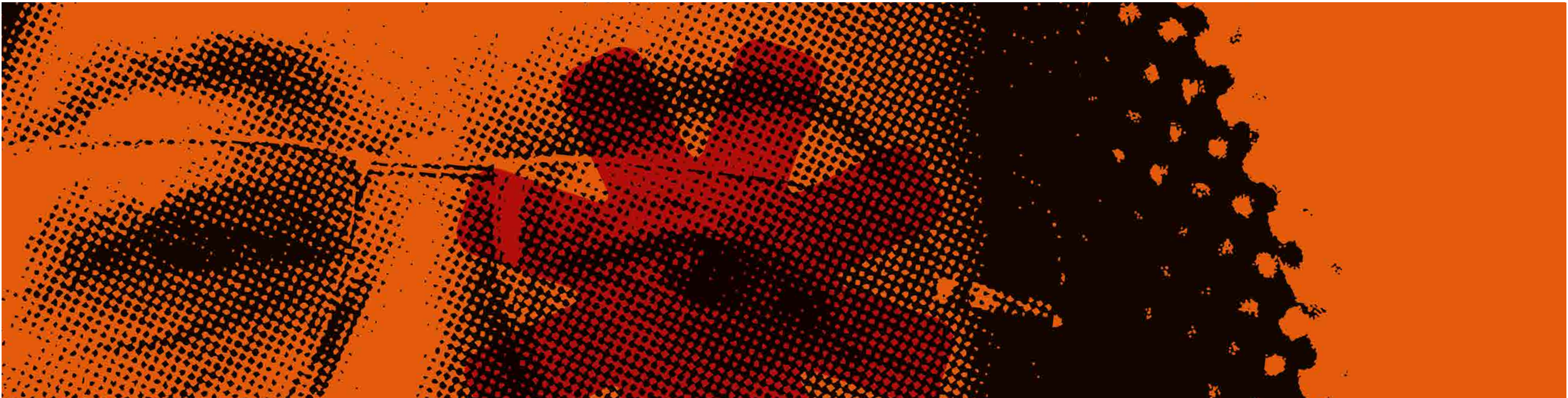


Autor: Eugénio de Andrade
Título: O sal da língua
Editora: Assírio & Alvim



Autor: Eugénio de Andrade
Título: Primeiros poemas, as mãos e os frutos, os amantes sem dinheiro
Editora: Assírio & Alvim





2020
PRÉMIO
CAMÕES

Maria
Velho
da Costa

n.LISBOA,
1938-2020

Licenciou-se em Filologia Germânica e fez o Curso de Grupo-Análise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Foi membro da Direção e Presidente da Associação Portuguesa de Escritores, adjunta do Secretário de Estado da Cultura, leitora do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros do King's College e adida cultural em Cabo Verde.

Ficcionista, ensaísta e dramaturga, foi coautora, com Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, de *Novas Cartas Portuguesas* (1972), um livro que se tornou um marco pela abordagem da situação das mulheres nas sociedades contemporâneas e que viria a ser apreendido pela polícia política do antigo regime. A sua escrita situa-se numa linha de experimentalismo linguístico que renovou a literatura portuguesa na década de 60, destacando-se na sua geração pelo virtuosismo com que maneja a língua. Dotada de grande riqueza expressiva e estilística, a sua obra perscruta a condição feminina e social da mulher, iluminando temas pouco explorados na literatura como a intimidade infantil e a linguagem-afetividade.

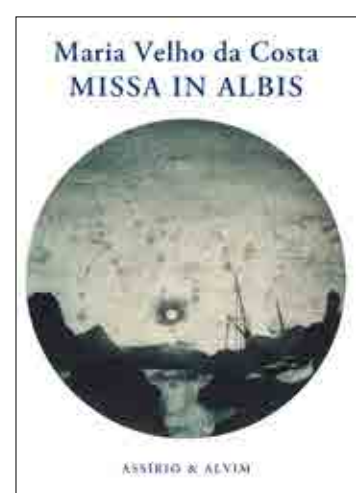
A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (2013), Prémio Literário Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa (2010), Prémio PEN Clube Português de Narrativa (2009 e 1989), Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB (2000), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1994), Prémio Nacional de Novelística (1978). Recebeu o grau de Grande-Oficial da Ordem da Liberdade e Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.



Autor: Maria Velho da Costa
Título: *Maina Mendes*
Editora: Dom Quixote



Autor: Maria Velho da Costa
Título: *Irene ou o Contrato Social*
Editora: Dom Quixote



Autor: Maria Velho da Costa
Título: *Missa in Albis*
Editora: Assírio & Alvim

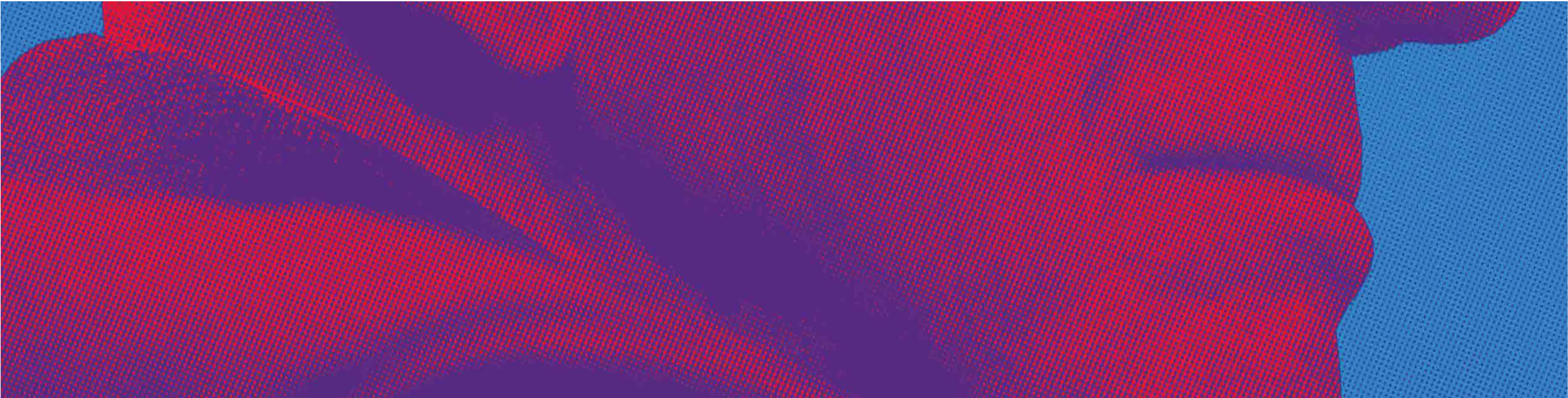
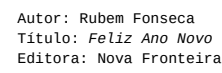
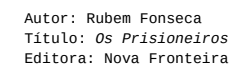
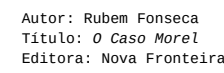


Rubem Fonseca

Licenciou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1952 iniciou a sua carreira na polícia. Entre 1953 e 1954 frequentou um curso de aperfeiçoamento em segurança pública nos Estados Unidos e aproveitou a oportunidade para estudar administração de empresas na New York University. Na Escola de Polícia destacou-se em Psicologia e recebeu uma licença para estudar e depois lecionar esta disciplina na Fundação Getúlio Vargas. Em 1958 afastou-se da polícia para assumir o cargo de relações públicas na empresa de distribuição de energia elétrica do Rio de Janeiro.

Publicou em 1963 *Os Prisioneiros*, o seu primeiro livro de contos. Em 1967 publica *Lúcia McCartney*, onde apresenta pela primeira vez Mandrake, personagem antológico, advogado, mulhereengo, cínico e amoral, além de profundo conhecedor do submundo carioca. Em 1973 publica o seu primeiro romance, *O Caso Morel*, cuja trama policial serve de suporte a considerações sobre arte, o papel do autor, as relações interpessoais e os crimes que delas nascem. Com *Feliz Ano Novo* (1975) e *O Cobrador* (1979), considerados as suas obras-primas, Rubem Fonseca regressa ao conto. Implacavelmente dotado de um estilo realista, na descrição da violência ou da sexualidade, que levou aliás à proibição de um dos seus livros, sob a alegação de conter matéria “contrária à moral e aos bons costumes”, a sua escrita visceral, por vezes designada brutalista, constituiu uma inovação na literatura brasileira das décadas de 70 e seguintes, abrindo o léxico literário à totalidade das palavras.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2015), Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (2014, 2003, 2002, 1996, 1983, 1969), Prêmio Iberoamericano de Narrativa Manuel Rojas (2012), Prêmio Casa de las Américas (2005), Prêmio de Literatura Latino americana y del Caribe Juan Rulfo (2003), Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (2000, 1979).





2004
PRÉMIO
CAMÕES

Agustina
Bessa-
-Luís

n.VILA MEÃ,
1922-2019

Com uma vida de incessante dedicação à escrita, assumiu em paralelo funções muito diversas, tendo sido membro do conselho diretivo da Comunitá Europea degli Scrittori, diretora do diário *O Primeiro de Janeiro* e do Teatro Nacional de D. Maria II, membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social, da Académie Européenne des Sciences, des Arts et des Lettres, da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa.

Estreou-se como romancista com a novela *Mundo Fechado* (1948), cujo título se constitui como metáfora de toda a sua produção literária, avessa a qualquer tentativa de contextualização, em termos de correntes, na história da literatura portuguesa. Dotada de um estilo singular, paradoxal e enigmático, a sua prosa aproxima-se muitas vezes da poesia, pelo excesso, pela fuga, pela concentração aforística. Manteve ao longo da vida um ritmo de publicação pouco usual nas letras portuguesas, contando com mais de meia centena de obras. Vários dos seus livros foram adaptados ao cinema pelo realizador Manoel de Oliveira, com quem manteve uma colaboração estreita. É também autora de peças de teatro e guiões para televisão.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB (2001 e 1983), Prémio Internacional União Latina (1997), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1992), Prémio PEN Clube Português de Narrativa (1981), Prémio Adelaide Ristori (1975), Prémio Nacional de Novelística (1967), Prémio Eça de Queiroz - Romance - do SPN/SNI (1954). Recebeu a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, a Medalha de Honra da Cidade do Porto e o grau de Oficial da Ordem das Artes e das Letras (França).



Autor: Agustina Bessa-Luís
Título: Os Meninos de Ouro
Editora: Relógio D'Água



Autor: Agustina Bessa-Luís
Título: A Sibila
Editora: Relógio D'Água



Autor: Agustina Bessa-Luís
Título: A Ronda da Noite
Editora: Relógio D'Água



2005
PRÊMIO
CAMÕES

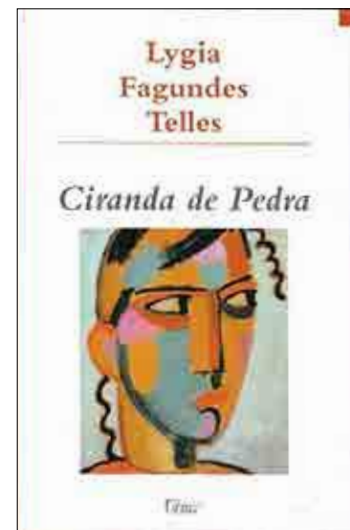
Lygia
Fagundes
Telles

n.SÃO PAULO,
1923-2022

Viveu a infância no interior do Estado de São Paulo, onde o pai, advogado, foi promotor público. Licenciou-se em Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo. Enquanto estudante do pré-jurídico, frequentou a Escola Superior de Educação Física da mesma universidade. Trabalhou como Procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, cargo que exerceu até à aposentação, e foi presidente da Cinemateca Brasileira. Em 1982 foi eleita para a Academia Paulista das Letras, em 1985 para a Academia Brasileira de Letras, e em 1987 para a Academia das Ciências de Lisboa.

Com a publicação do romance *Ciranda de Pedra* (1954) conquistou o reconhecimento do público e da crítica. Ainda na década de 50, publicou o livro de contos *Histórias do Desencontro* (1958) e, em 1963, publicou o seu segundo romance, *Verão no Aquário*. Na década de 70 publicou alguns dos seus livros mais destacados: *Antes do Baile Verde* (1970), *As Meninas* (1973), *Seminário dos Ratos* (1977) e o livro de contos *Filhos Pródigos* (1978). Elegendo a mulher como protagonista das suas histórias, explorou o universo feminino sob uma perspectiva moderna, rompendo com o moralismo social que deixava a mulher à margem da figura masculina. Conhecida como “a dama da literatura brasileira”, celebrada por grandes nomes da crítica literária, transitou entre o romance e o conto, mas foi talvez no último que consumou o seu talento com mais perfeita expressão.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (2001, 1996, 1974, 1966), Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras (1973), Prêmio Guimarães Rosa (1972), Prêmio Nacional do Livro do Brasil (1958), Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras (1949). Entre outras distinções, foi agraciada com o grau de Comendador da Ordem do Rio Branco, o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras (França) e o grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito Docente e Cultural (Chile).



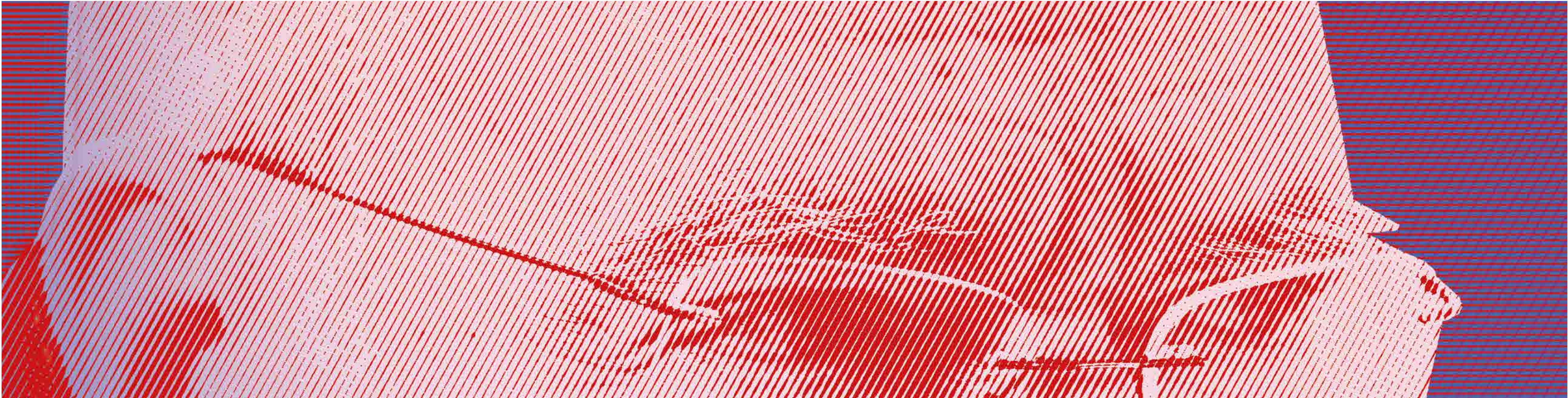
Autor: Lygia Fagundes Telles
Título: *Ciranda de Pedra*
Editora: Rocco



Autor: Lygia Fagundes Telles
Título: *As Meninas*
Editora: José Olympio



Autor: Lygia Fagundes Telles
Título: *Antes do Baile Verde*
Editora: Companhia das Letras



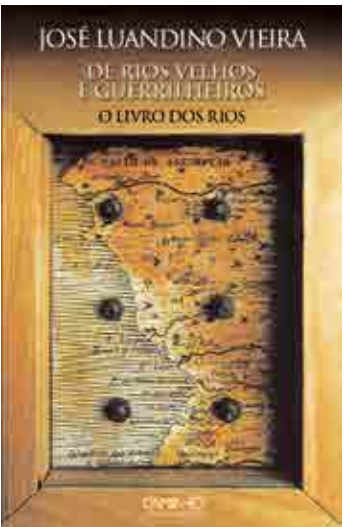
2006
PRÉMIO
CAMÕES

Luandino
Vieira
n.VILLA NOVA DE OURÉM,
1935

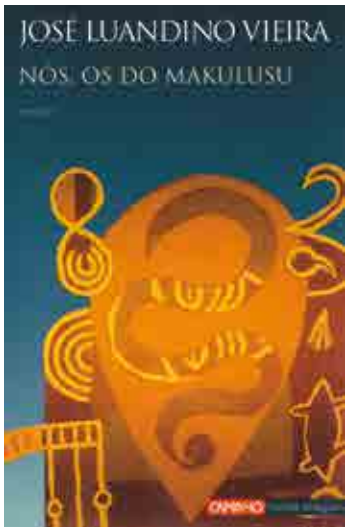
Pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça, usou nomes como José Graça e José Muimbu. Nascido em Portugal, viajou com três anos para Angola, viveu a infância e a juventude em Luanda. Com o eclodir da Guerra Colonial ingressou nas fileiras do MPLA e participou na luta armada. Foi preso em 1961, dois anos mais tarde desterrado para o Tarrafal, tendo sido libertado em 1972, sob o regime de residência fixa, passando a residir em Lisboa. Após o 25 de Abril regressou a Angola, nacionalizou-se angolano, e exerceu diversos cargos, tendo dirigido a Televisão Popular de Angola, o Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA e o Instituto Angolano de Cinema, sendo ainda membro fundador e secretário-geral da União dos Escritores Angolanos.

Poeta e contista, enquadra-se na denominada “Geração da Mensagem”, surgida no final dos anos 50 com o intuito de prolongar a ação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, em busca de uma literatura e cultura genuinamente angolanas. Marcada por um compromisso sociopolítico assumido, a sua obra é precursora da literatura angolana e constitui uma revolução literária pela criação de uma nova linguagem expressiva fundada na interseção da língua portuguesa com a língua quimbunda. Este uso original e subversivo da língua, com um forte influxo da oralidade e o recurso a vocábulos crioulistizados, confere um realismo invulgar às suas personagens que se constituem como expressão viva das gentes e dos lugares que retrata.

Além do Prémio Camões, que recusou por “motivos íntimos e pessoais”, recebeu vários prémios, entre os quais: Prémio Nacional de Cultura de Angola – Literatura (2008), Prémio Literário da Casa da Imprensa (1974), Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (1965), Prémio Literário da Sociedade Cultural de Angola (1961), Prémio da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa (1961).



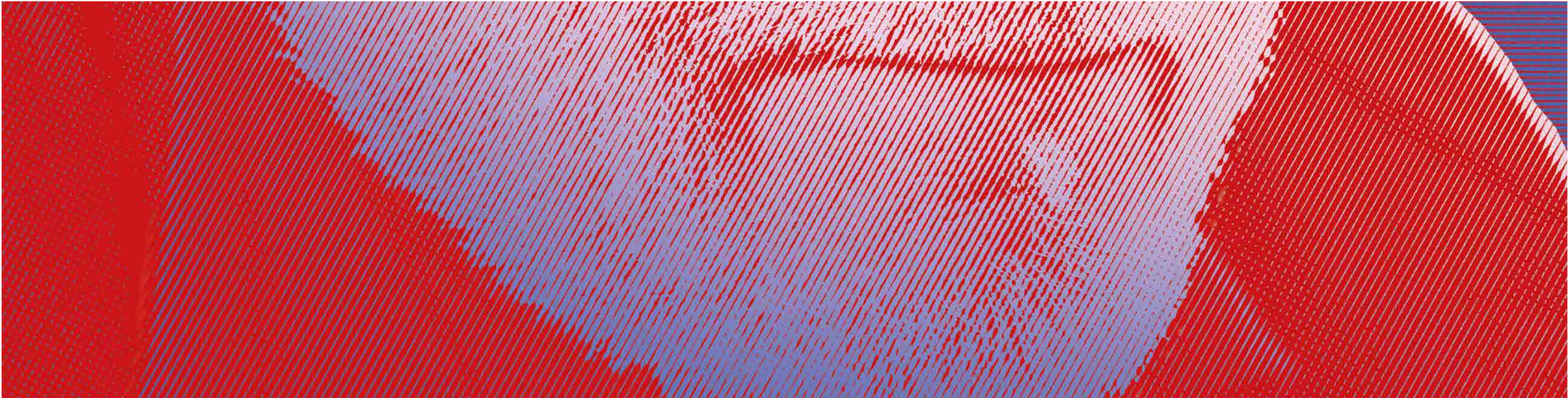
Autor: José Luandino Vieira
Título: O Livro dos Rios
Editora: Caminho

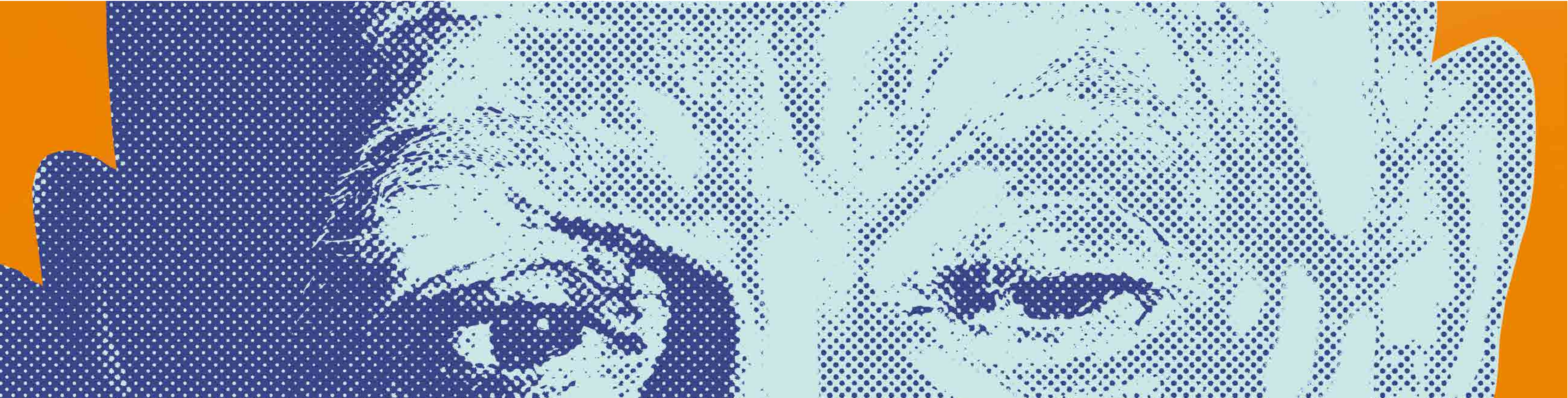


Autor: José Luandino Vieira
Título: Nós, os do Makulusu
Editora: Caminho



Autor: José Luandino Vieira
Título: Luanda
Editora: Caminho





2007
PRÉMIO
CAMÕES

António
Lobo
Antunes
n. LISBOA,
1942

Licenciou-se em Medicina e especializou-se em Psiquiatria. Exerceu a profissão de médico psiquiatra, dedicando-se desde 1985 exclusivamente à escrita. A experiência da Guerra Colonial em Angola, como tenente e médico do exército português, está expressa na sua obra e é o tema central de alguns dos seus livros. Para lá da publicação regular dos seus romances, manteve durante quase duas décadas uma crónica semanal na imprensa que tornou o universo temático e estilístico do escritor acessível ao grande público.

As marcas profundas da sua geração, dos traumas da guerra colonial às contradições revolucionárias de uma burguesia empolgada ou agredida pelo 25 de Abril, são a matéria dos seus primeiros livros. A sua obra prossegue em contínua renovação temática e linguística, convocando o passado de Portugal, dos Descobrimentos às cicatrizes do Estado Novo e incertezas pós-revolucionárias, para as quais confluem as geografias da infância e adolescência do escritor, lugares nunca pacíficos, marcados pela perda dos mitos e afetos do passado e pelos desencontros e incompatibilidades nas relações do presente. De um modo impiedoso e obstinado, a sua obra traça um quadro sociológico exaustivo do século XX português, sendo um dos escritores portugueses mais lidos e traduzidos.

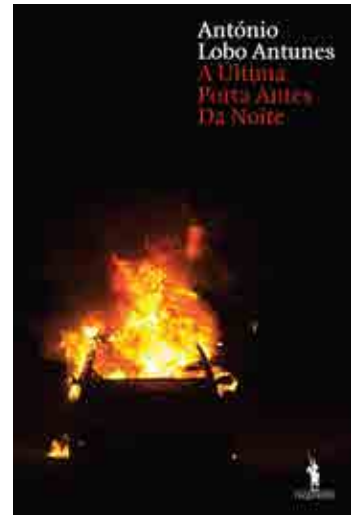
A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Extremadura a la Creación (2009), Prémio Juan Rulfo (2008), Prémio FIL Guadalajara (2008), Prémio Ibero-Americano de Letras José Donoso (2006), Prémio Jerusalém (2005), Prémio Internacional União Latina (2003), Prémio Europeu de Literatura (2001), Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB (1999 e 1985), Prémio France Culture (1997 e 1996). Recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada e o grau de Comendador da Ordem das Artes e das Letras (França).



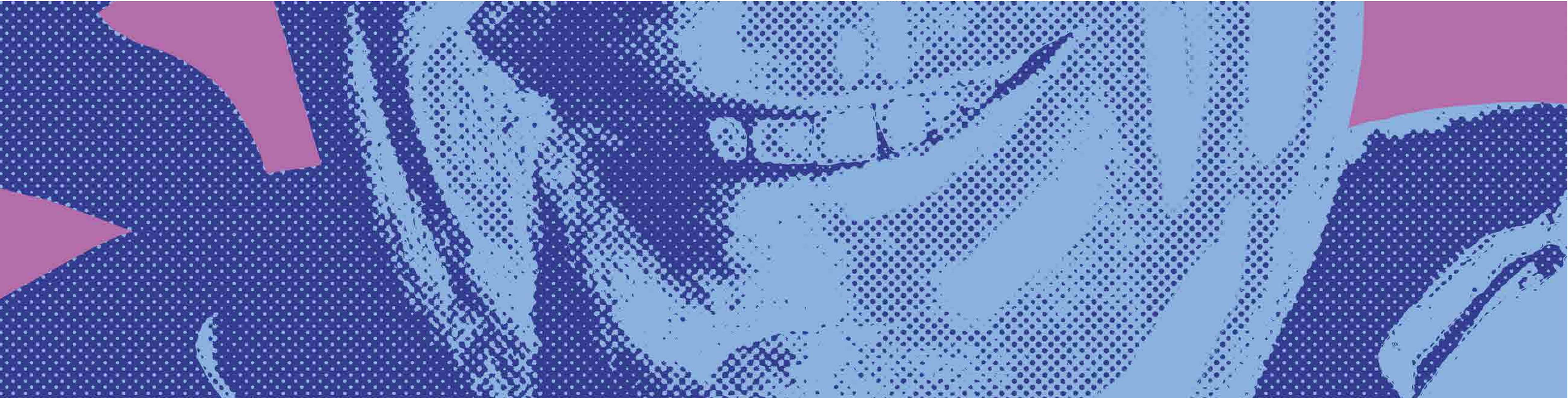
Autor: António Lobo Antunes
Título: Exortação aos Crocodilos
Editora: Dom Quixote



Autor: António Lobo Antunes
Título: Os cus de Judas
Editora: Dom Quixote



Autor: António Lobo Antunes
Título: A última Porta Antes da Noite
Editora: Dom Quixote



2008
PRÊMIO
CAMÕES

João
Ubaldo
Ribeiro
n. ITAPARICA,
1941-2014

Formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, nunca exerceu a advocacia. Pós-graduado em Administração Pública pela mesma universidade e Mestre em Administração Pública e Ciência Política pela Universidade da Califórnia do Sul. Foi professor em várias universidades da Bahia. Foi repórter, redator, chefe de reportagem e colunista do *Jornal da Bahia*. Colunista, editorialista e editor-chefe da *Tribuna da Bahia*. Colunista do jornal *Frankfurter Rundschau* e colaborador na imprensa de diversos países. Em 1993 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Em 1963 publicou o seu primeiro livro *Setembro não Tem Sentido*, seguido de *Sargento Getúlio* (1971), reconhecido como um marco do romance brasileiro moderno. No auge da ditadura militar, publicou *Vencecavalo e o Outro Povo* (1974), uma obra onde a sátira e o humor se afirmam como arma de contestação e resistência. Em 1984 publicou *Viva o Povo Brasileiro*, um romance que percorre quatro séculos de história do Brasil e se tornou um clássico da literatura brasileira. *A Casa dos Budas Ditosos*, publicado em 1999, relato de uma mulher que descreve a história da sua vida inteiramente dedicada ao sexo, conquistou uma legião de leitores e tornou-se um clássico da literatura erótica. Autor de uma obra versátil, satírica, e de grandes romances de formação da identidade nacional, conseguiu conciliar o sucesso público com a boa recepção crítica.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Lifetime Achievement Award (2006), Prêmio Anna Seghers (1996), Prêmio Die Blaue Brillenschlange (1994), Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1984, 1972), Prêmio Golfinho de Ouro do Estado do Rio de Janeiro (1971).



Autor: João Ubaldo Ribeiro
Título: A Casa dos Budas Ditosos
Editora: Alfaguara



Autor: João Ubaldo Ribeiro
Título: Viva o Povo Brasileiro
Editora: Nova Fronteira



Autor: João Ubaldo Ribeiro
Título: Sargento Getúlio
Editora: Nova Fronteira

Arménio
Vieira
n. PRATA,
1941

Poeta, ficcionista e ensaísta, autor de uma obra inconfundível, cabo-verdiana e ao mesmo tempo universal, a sua produção literária constitui-se em diálogo com obras e autores de diferentes culturas. Sem nunca assumir uma matriz panfletária, os seus livros são marcados pelo humor, pelo tom irónico e crítico, de onde emergem a contestação, a denúncia política e social, e a indagação existencial e metafísica. De perfil clássico e contemporâneo, erudita e transgressiva, pujante e inquiridora, a sua obra é considerada um marco na história literária de Cabo Verde.



Arménio Vieira
No Inferno
CAMINHO

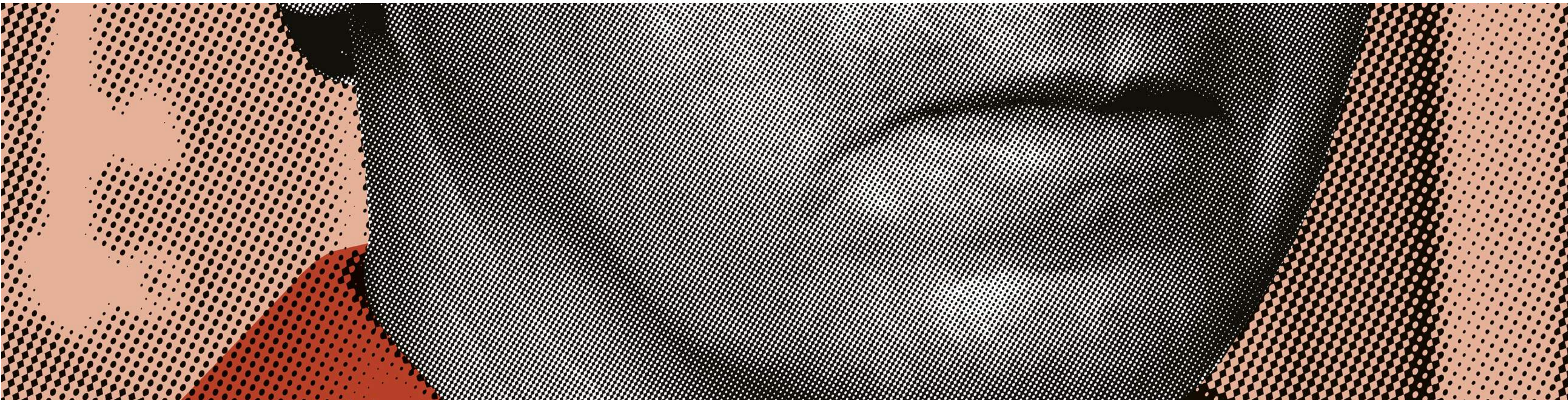
ARMÊNIO VIEIRA

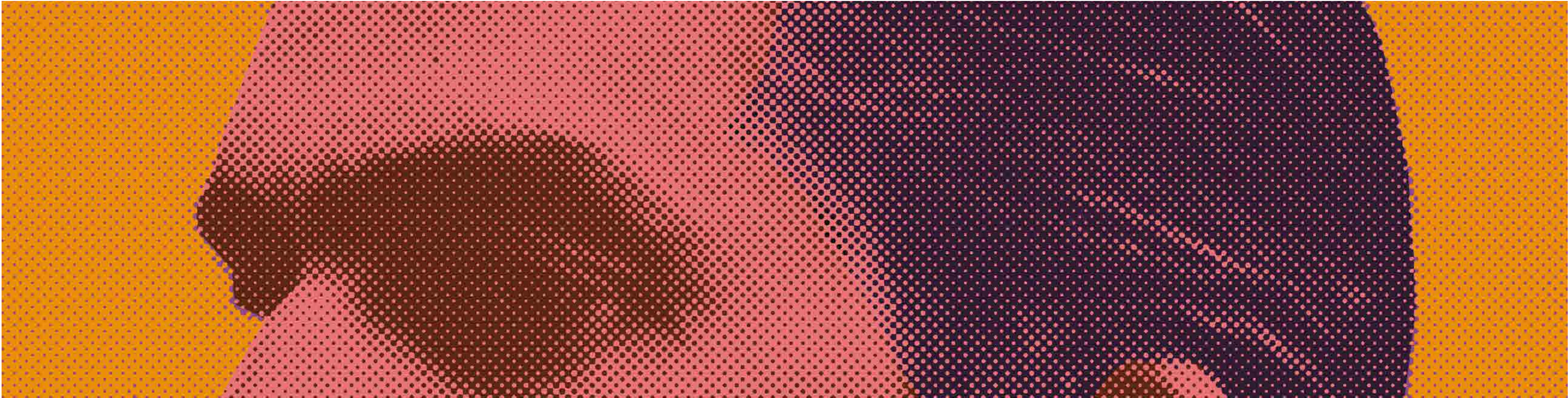
Safras de um Triste Outono



Primeira Edição

Autor: Arménio Vieira
Título: *Safras de um Triste Outono*
Editora: Rosa de Porcelana





20
10
PRÊMIO
CAMÕES

Ferreira Gullar

n.SÃO LUÍS, MARANHÃO,
1930-2016

Pseudônimo de José Ribamar Ferreira. Trabalhou para as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, além do *Diário Carioca* e do *Jornal do Brasil*. Em 1954 ingressou no movimento concretista e, em 1956, participou na Exposição Nacional de Arte Concreta. Em 1959, rompendo com os concretistas, liderou o movimento neoconcreto. Em 1961 dirigiu a Fundação Cultural de Brasília e criou o Museu de Arte Popular. Em 1962 começou a trabalhar no jornal *O Estado de São Paulo*. Em 1964 filiou-se no Partido Comunista Brasileiro e fundou, com outros artistas, o Grupo Opinião, que fazia teatro de protesto e resistência ao regime ditatorial. Com o golpe militar, em 1964, foi preso e exilado, só regressando ao Brasil em 1977. Em 2014 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Em 1954 publicou *A Luta Corporal*, livro que prenuncia na literatura brasileira a poesia concreta. Descontente com a racionalidade excessiva da poesia concreta, em 1959 publicou o *Manifesto Neoconcreto* e a *Teoria do Não-Objeto*, textos referenciais do neoconcretismo. No início dos anos 60 rompeu com as vanguardas na busca de uma expressão própria, integrando na sua poesia a realidade política e social brasileira. Com fortes traços autobiográficos, *Poema Sujo* (1976), considerado a sua obra-prima, dá forma a um testemunho de vida num tempo de perseguição política e futuro incerto. Poeta de sucessivas vanguardas, continuou até ao fim a buscar novos caminhos. Em *Muitas Vozes* (1999) reflete sobre a vida, a morte, as memórias da infância, fazendo uma síntese das inquições que animaram a sua poesia. Em *Alguma Parte Alguma* (2010) compõe uma memória das suas leituras da poesia brasileira, numa reapropriação que a cada passo recusa o conceito de obra acabada.

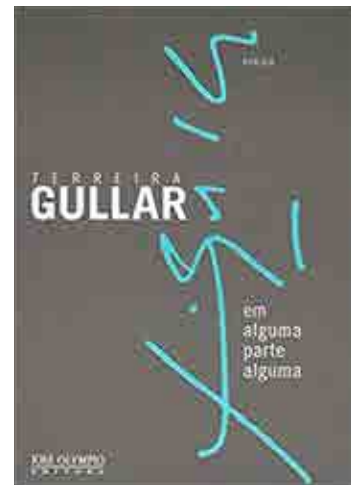
A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (2011, 2007), Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2005), Prémio Conrado Wessel de Ciência e Cultura (2005), Prémio Saci (1966), Prémio Molière (1966).



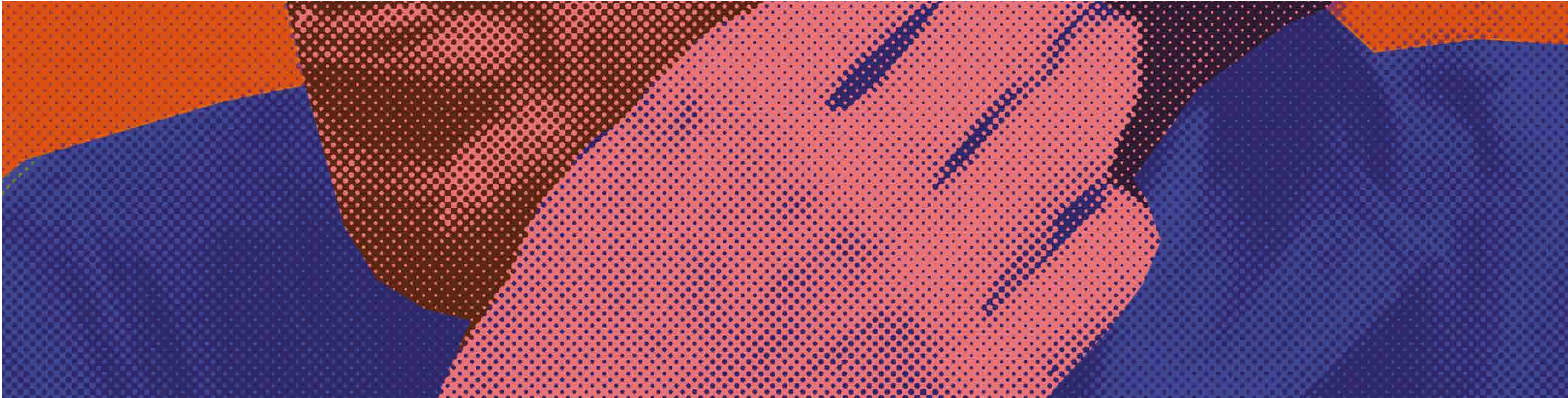
Autor: Ferreira Gullar
Título: A Luta Corporal
Editora: Companhia das Letras



Autor: Ferreira Gullar
Título: Toda Poesia
Editora: Companhia das Letras



Autor: Ferreira Gullar
Título: Em Alguma Parte Alguma
Editora: José Olympio



2011
PRÉMIO
CÂMÕES

Manuel António Pina

n. SABUGAL,
1943 - 2012

Licenciou-se em Direito, exerceu a advocacia e foi técnico de publicidade. Entre 1971 e 2001 foi jornalista profissional no diário *Jornal de Notícias*, onde desempenhou funções de editor e chefe de redação. Foi também professor da Escola Superior de Jornalismo do Porto e membro do Conselho de Imprensa.

Autor de uma obra multifacetada, a sua poesia revela um cariz simultaneamente vivo e reflexivo, de tom irónico e pendor filosófico, e a sua literatura para a infância e juventude ocupa um lugar único no panorama português, brincando argutamente com as palavras e os conceitos num jogo de imaginação sem tréguas. Em ambos os registos, a sua obra desenvolve-se num discurso de invulgar criatividade e constante desafio à inteligência do leitor. É também autor de textos dramáticos, levados à cena por diversas companhias de teatro, e guiões para séries de ficção televisivas.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Grande Prémio de Poesia APE/CTT (2003), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (2001), Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens (2000, 1988 e 1984), Prémio Nacional de Crónica Press Clube/ Clube de Jornalistas (1993), Prémio de Centro Português de Teatro para a Infância e Juventude (1988). Recebeu a Medalha de Ouro de Mérito da Câmara Municipal do Porto.



Autor: Manuel António Pina
Título: *Todas as Palavras:*
Poesia Reunida
Editora: Assírio & Alvim



Autor: Manuel António Pina
Título: *Crónica, Saudade da Literatura*
Editora: Assírio & Alvim



Autor: Manuel António Pina
Título: *O País das Pessoas
de Pernas para o Ar*
Editora: Porto Editora

2012 Dalton Trevisan

PRÊMIO CAMÕES

n. CURITIBA, 1925

Licenciou-se em Direito e exerceu a advocacia durante sete anos, mas abandonou a atividade para trabalhar na fábrica de cerâmicas da família. Entre 1946 e 1948, tornou-se conhecido como editor da revista literária *Joaquim*, na qual foram publicados poemas, ensaios e crítica literária de escritores como Mário de Andrade, Antônio Cândido e Carlos Drummond de Andrade.

Sem encontrar um editor interessado em publicar a sua obra, começou por divulgar os seus textos na revista literária *Joaquim* e, ulteriormente, em modestos folhetos. São desse período o *Guia Histórico de Curitiba* e as *Crônicas da Província de Curitiba*, publicados em 1954. Alcançou repercussão nacional com a publicação de *Novelas Nada Exemplares* (1959), seguida de *Cemitério dos Elefantes* (1964) e *O Vampiro de Curitiba* (1965), livro que lhe valeu a alcunha homônima face ao seu temperamento avesso à exposição pública. Em 1985 publicou o seu único romance *A Polaquinha*. Consideradas uma referência no conto brasileiro moderno, as suas narrativas, de estilo conciso e contundente, encenam sem artifícios o drama da existência contemporânea, revelando-nos a crueldade das relações humanas e a dilaceração de vidas suspensas entre a ilusão e a realidade, o desejo e a frustração.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2012), Prêmio Jabuti da Camara Brasileira do Livro (2011, 1995, 1965, 1960), 1º Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira (2003), Prêmio do Ministério da Cultura de Literatura (1996), Prêmio Luís Cláudio de Sousa do PEN Clube do Brasil (1964), Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira dos Escritores (1959).



Autor: Dalton Trevisan
Título: *A Polaquinha*
Editora: Record



Autor: Dalton Trevisan
Título: *Novelas Nada Exemplares*
Editora: Record



Autor: Dalton Trevisan
Título: *O Vampiro de Curitiba*
Editora: Record



2013
PRÉMIO
CAMÕES

Mia
Couto
n. BEIRA,
1955

Pseudónimo de António Emílio Leite Couto. Ingressou em Medicina, mas abandonou o curso. Foi repórter e jornalista na *Tribuna* e no jornal *Notícias de Maputo*, diretor da Agência de Informação de Moçambique e da revista *Tempo*. Abandonou o jornalismo para se formar em Biologia, tornando-se investigador e professor da cadeira de Ecologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor de uma obra multifacetada, composta por poesia, romance, conto e crónicas, é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior, com vários livros adaptados ao teatro e ao cinema. O seu primeiro livro de poesia *Raiz de Orvalho* (1983), escrito à margem da poesia militante e panfletária característica da época, anuncia já o “faliventar” português que distinguiria a sua obra. *Terra Sonâmbula* (1992), que assinala a sua estreia no romance, foi considerado um dos melhores livros africanos do século XX. Conhecido como “escritor da terra”, a sua prosa integra elementos da tradição oral moçambicana numa linguagem experimental, rica em neologismos, de grande expressividade vocabular. Ficcionista singular, a evocação de mundos fantásticos de matriz mágica e onírica funde-se, nas suas narrativas, com a representação da cultura e da identidade africanas.

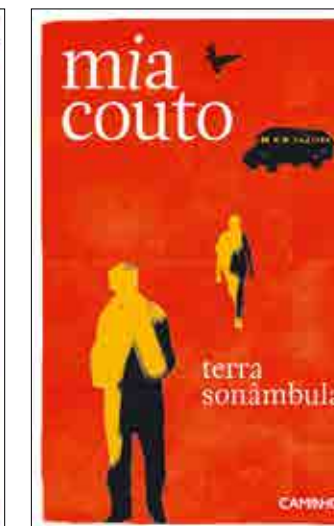
A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Jan Michalski de Literatura (2020), Prémio Internacional de Literatura Neustadt da Universidade de Oklahoma (2014), Prémio Jornada Nacional de Literatura (2012 e 2007), Prémio Eduardo Lourenço (2011), Prémio Rosalía de Castro do Centro PEN Galiza (2008), Prémio Vergílio Ferreira (1999), Prémio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos (1995). Foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada (Portugal), a Ordem do Mérito Cultural (Brasil), o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras (França), a Medalha de Mérito de Artes e Letras (Moçambique) e é membro da Academia Brasileira de Letras, como sócio correspondente.



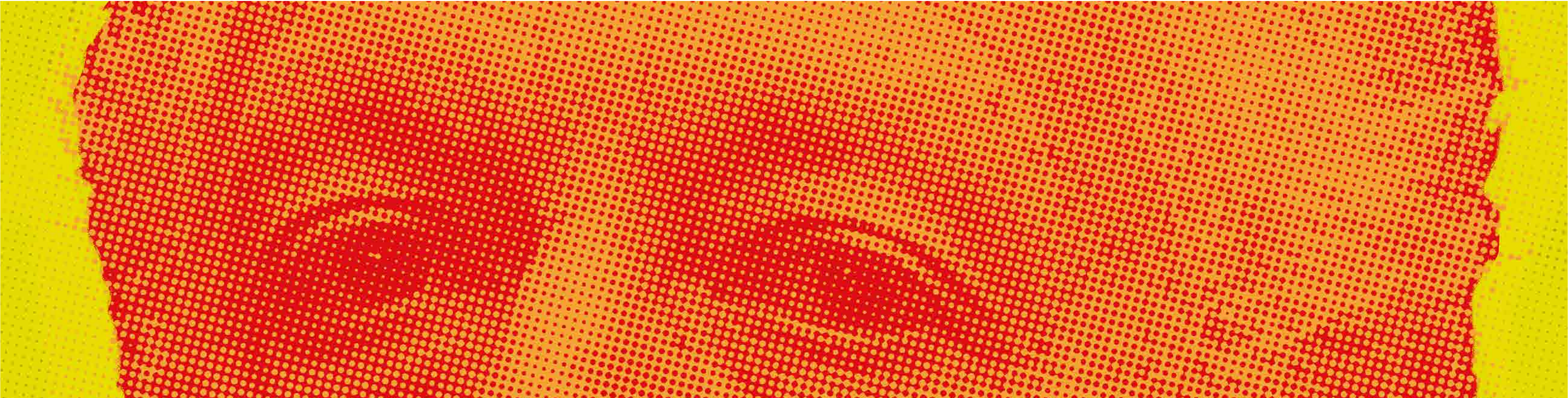
Autor: Mia Couto
Título: O Mapeador de Ausências
Editora: Caminho



Autor: Mia Couto
Título: O Fio das Missangas
Editora: Caminho



Autor: Mia Couto
Título: Terra Sonâmbula
Editora: Caminho



2014
PRÊMIO
CAMÕES

Alberto
da Costa
e Silva
n.SÃO PAULO,
1931

Formado pelo Instituto Rio Branco em 1957. No decurso da sua carreira diplomática, serviu em Portugal, Venezuela, Estados Unidos, Espanha e Itália, antes de ser embaixador em Lagos (Nigéria), Lisboa, Bogotá e Assunção. Foi Chefe do Departamento Cultural e Subsecretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores. Professor do Curso de Aperfeiçoamento de Diplomatas do Instituto Rio Branco, em 1971-1972, e do Curso de Altos Estudos do mesmo Instituto Rio Branco, de 1983 a 1985, e de 1995 a 2000. Em 2000 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e, três anos depois, foi eleito seu presidente.

Publicou em 1953 *O Parque e Outros Poemas*, o seu primeiro livro de poesia. Muitos outros se lhe seguiram, como *O Tecelão* (1962), *As Linhas da Mão* (1978) e *Ao Lado de Vera* (1997), até à compilação *Poemas Reunidos* (2000). Em 2003 publicou *Um Rio Chamado Atlântico*, uma coletânea de textos sobre as relações históricas entre o Brasil e a África que o consagrou como o maior africanista de língua portuguesa. Em 2004 prossegue a sua inquirição em torno da história e da cultura africanas com *Francisco Félix de Souza, Mercador de Escravos*, onde traça um retrato da África do século XIX, partindo da biografia do famoso traficante de escravos oriundo da Bahia. É também autor de livros para a infância e juventude, livros de memórias e de ensaio, no campo da literatura e arte. Plural ao modo renascentista, poeta, historiador, memorialista e ensaísta, estudioso de África na tentativa de compreender o Brasil nas suas raízes e identidades, é um dos mais importantes intelectuais brasileiros.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Juca Pato de Intelectual do Ano da União Brasileira de Escritores (2003), Prémio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (2003, 2000, 1997), Prémio Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Biblioteca Nacional (2003), Prémio Luísa Cláudio de Souza do PEN Clube do Brasil (1978). Entre outras distinções, foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo (Portugal), a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique (Portugal) e a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada (Portugal).



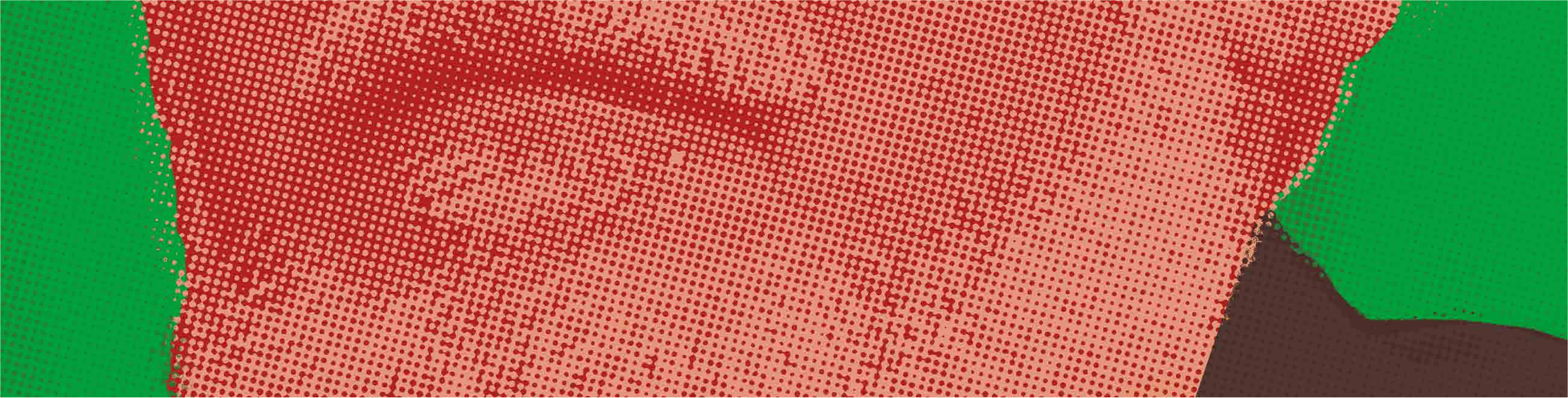
Autor: Alberto da Costa e Silva
Título: *Francisco Félix de Sousa, Mercador de Escravos*
Editora: Nova Fronteira



Autor: Alberto da Costa e Silva
Título: *Ao Lado de Vera*
Editora: Nova Fronteira



Autor: Alberto da Costa e Silva
Título: *Um Rio Chamado Atlântico*
Editora: Nova Fronteira



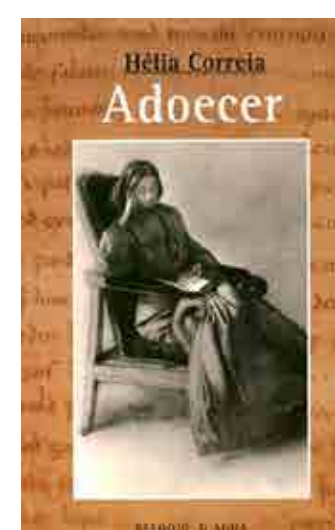
2015
PRÉMIO
CÂMÕES

Hélia
Correia
n.LISBOA,
1949

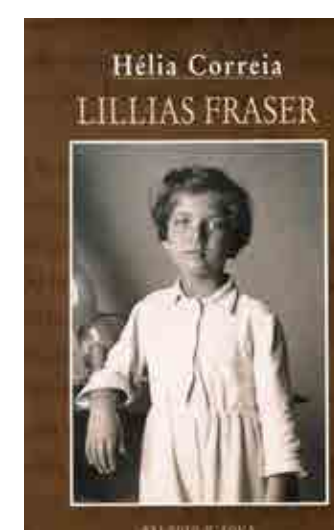
Licenciou-se em Filologia Românica, foi professora de Português e dedicou-se posteriormente à escrita e à tradução. O seu gosto pelo drama e pela cultura clássica grega expressou-se na realização de uma pós-graduação em Teatro da Antiguidade Clássica e à autoria de diversas peças, traduções e adaptações teatrais, incluindo uma breve representação na peça *Édipo Rei*.

Com obra publicada na poesia e na dramaturgia, foi enquanto ficcionista que se revelou um dos nomes mais importantes e originais da década de oitenta ao publicar *O Número dos Vivos* (1981). Autora de uma obra singular, quer pela qualidade poética da sua escrita, quer pelo universo original e inquietante nela convocado, desenvolveu uma linguagem narrativa onde o ordinário e o extraordinário ultrapassam as fronteiras estabelecidas, conjugando a herança narrativa clássica com a incorporação de elementos característicos da narrativa contemporânea.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB (2018), Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco (2014), Prémio Literário Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa (2013), Prémio PEN Clube Português de Poesia (2013), Prémio Vergílio Ferreira (2013), Prémio PEN Clube Português de Narrativa (2002), Prémio D. Diniz (2001).



Autor: Hélia Correia
Título: *Adoecer*
Editora: Relógio D'Água



Autor: Hélia Correia
Título: *Lillias Fraser*
Editora: Relógio D'Água



Autor: Hêlia Correia
Título: *Um Bailarino na Batalha*
Editora: Relógio D'Água



2016
PRÉMIO
CÂMÕES

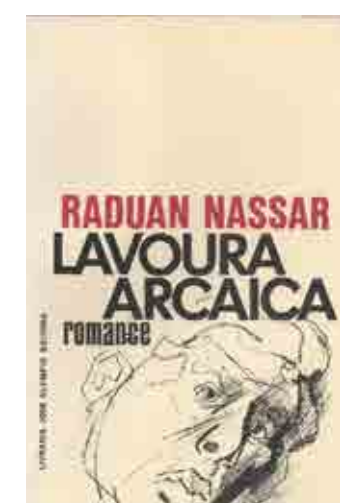
Raduan Nassar

n. PINDORAMA,
1935

Filho de imigrantes libaneses, viveu a infância e adolescência em Pindorama, cidade do interior do Estado de São Paulo. Iniciou os cursos de Letras e de Direito, que abandonou, e concluiu o curso de Filosofia em 1963. Viajou de seguida para a Alemanha com o intuito de aprender alemão, mas regressou ao Brasil depois de ter tido conhecimento do golpe militar de 1964. Dedicou-se nos anos seguintes à criação de coelhos e ao jornalismo, fundando com os irmãos o *Jornal do Bairro*, um semanário que chegou a atingir a tiragem de 160 mil exemplares. Em 1984 anunciou o seu afastamento da vida literária, comprou uma fazenda em Buri, São Paulo, e dedicou-se à produção rural.

Em 1975 publicou o seu primeiro livro, *Lavoura Arcaica*, considerado um dos grandes romances da literatura brasileira contemporânea e, em 1978, a novela *Um Copo de Cólera*. Na viragem do século, estes livros tiveram adaptações cinematográficas, dirigidas por Luiz Fernando Carvalho e Aluizio Abranches, que conferiram visibilidade à sua obra. Em 1997 foi ainda publicada a compilação de contos escritos maioritariamente na década de 60, *Menina a Caminho*. Com apenas três livros publicados, é considerado um escritor de culto, graças à intensidade poética da sua prosa e à crueza sensível com que descreve os pensamentos e as emoções dos personagens.

A sua obra foi distinguida com numerosos prêmios, entre os quais, além do Prêmio Camões: Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (1998, 1976), Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (1978, 1976), Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras (1976).



Autor: Raduan Nassar
Título: *Lavoura Arcaica*
Editora: José Olympio



Autor: Raduan Nassar
Título: *Um Copo de Cólera*
Editora: Companhia das Letras



Autor: Raduan Nassar
Título: *Menina a Caminho*
Editora: Companhia das Letras



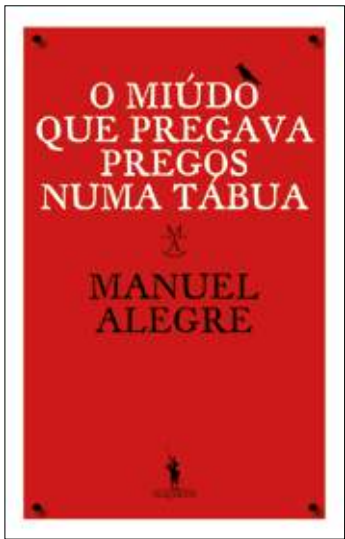
2017
PRÉMIO
CAMÕES

Manuel
Alegre
n. ÁGUEDA,
1936

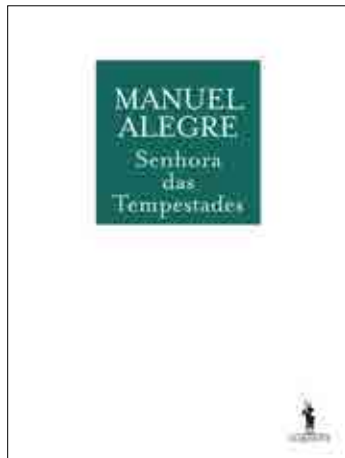
Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra, foi dirigente estudantil e fez parte da Comissão da Academia que apoiou a candidatura de Humberto Delgado a Presidente da República. Em 1962 foi mobilizado para Angola e participou numa tentativa de revolta militar que o levou à prisão. Depois de regressar a Coimbra em 1963, sob o regime de residência fixa, conseguiu no ano seguinte desertar. Até 2 de Maio de 1974 viveu em Paris e mais tarde em Argel, onde foi locutor da emissora *A Voz da Liberdade*. Após o 25 de Abril, regressou a Portugal, exercendo atividade política no Partido Socialista. Fez parte do 1º Governo Constitucional, foi deputado à Assembleia da República e apresentou a sua candidatura à Presidência da República nas eleições de 2006.

Autor de uma extensa obra literária, com particular incidência na poesia, o reconhecimento dos leitores e da crítica nasceu com a publicação de dois livros de poemas, *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), logo apreendidos pelas autoridades, mas com grande circulação nos meios intelectuais e rapidamente adotados como voz de resistência ao regime. Poeta da liberdade e do combate antifascista, mas também clássico, a sua poesia desenvolve-se num registo épico e lírico, assente numa escrita rítmica e melódica, sempre guiada por um humanismo universalista e uma indagação sobre a noção e o destino da pátria.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (2016), Prémio D. Diniz (2007), Prémio Pessoa (1999), Grande Prémio de Poesia APE/CTT (1998), Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1998). Recebeu o Diploma de membro honorário do Conselho da Europa, a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade e a Comenda da Ordem de Isabel a Católica (Espanha).



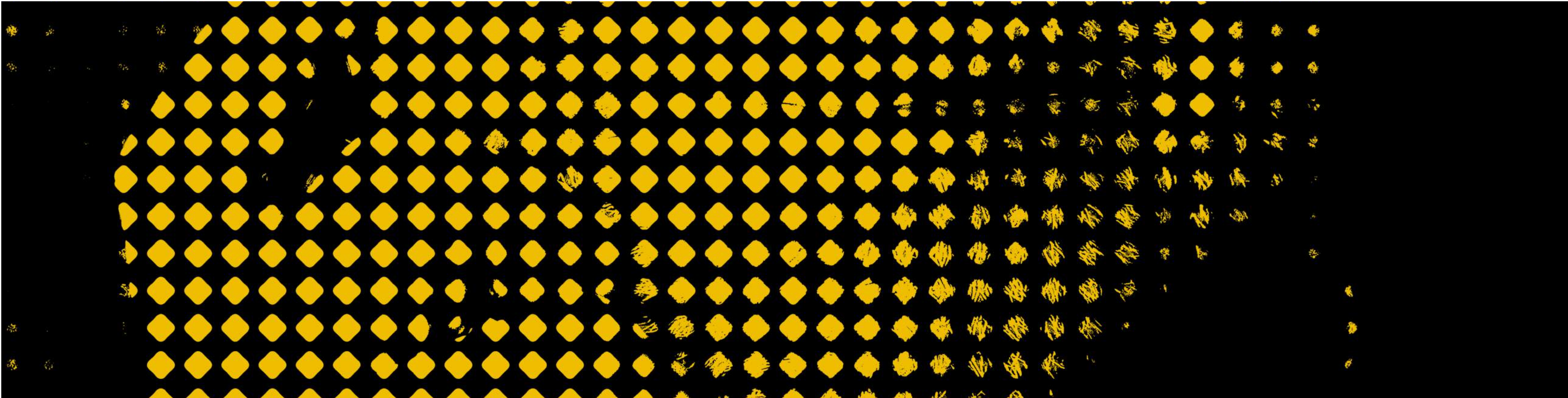
Autor: Manuel Alegre
Título: *O Miúdo que Pregava Pregos numa Tábua*
Editora: Dom Quixote



Autor: Manuel Alegre
Título: *Senhora das Tempestades*
Editora: Dom Quixote



Autor: Manuel Alegre
Título: *Praça da Canção*
Editora: Dom Quixote





2018
PRÉMIO
CAMÕES

Germano
Almeida
n. ILHA DA BOA VISTA,
1945

Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa e exerceu a profissão de advogado em paralelo com a de escritor e editor. Apaixonado pelo jornalismo, foi fundador e co-diretor da revista *Ponto & Vírgula*, diretor do jornal *Águaviva* e colaborador na imprensa portuguesa. Participou ativamente na vida política do seu país, foi deputado pelo Movimento para a Democracia de Cabo Verde e exerceu o cargo de Procurador-Geral da República de Cabo Verde.

Nos primeiros textos, publicados com o pseudónimo de Romualdo Cruz, recria os anos de infância e o ambiente social e familiar na ilha da Boa Vista. O seu primeiro romance, *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo* (1989), adaptado ao cinema por Francisco Manso, foi elogiado pela crítica e é considerado um clássico da literatura cabo-verdiana e lusófona. Dotada de grande inventividade narrativa, não raro recorrendo à sátira como instrumento de crítica social e política, a sua obra retrata com ironia e humor a vida pública e privada da sociedade cabo-verdiana.

Além do Prémio Camões, a sua obra foi homenageada no festival literário Escritaria (2021), distinguida com o Prémio Crítica da Imprensa de S. Paulo (1996) e o Prémio do Instituto Marquês de Valle-Flor (1991). Foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem do Mérito e o de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (Portugal).



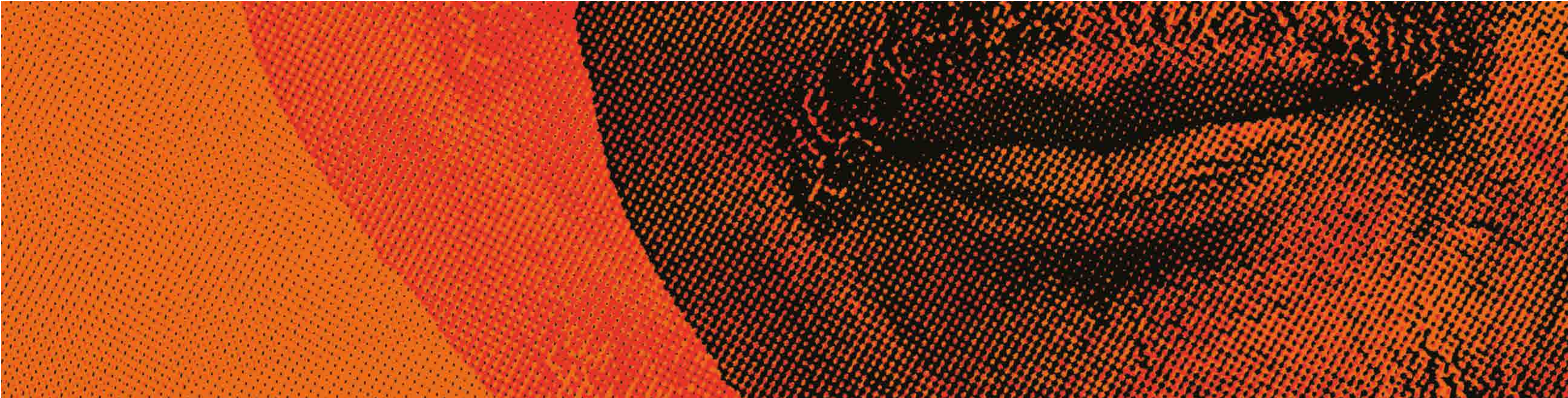
Autor: Germano Almeida
Título: O Testamento do Senhor
Napumoceno da Silva Araújo
Editora: Caminho



Autor: Germano Almeida
Título: O Fiel Defunto
Editora: Caminho



Autor: Germano Almeida
Título: Estórias de Dentro de Casa
Editora: Caminho





2019

Chico Buarque

PRÊMIO CAMÕES

n.RIO DE JANEIRO, 1944

Com seis anos viajou com a família para Itália, onde o pai, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, foi convidado para lecionar na Universidade de Roma. Regressou ao Brasil em 1960, e em 1963 inscreveu-se no curso de Arquitetura e Urbanismo, que não chegou a concluir. Em 1966 lançou o disco *Chico Buarque de Holanda*, conquistando o reconhecimento do público como músico. Em 1969 participou na “Passeata dos cem mil” contra a ditadura militar, pouco depois exilou-se em Itália. De regresso ao Brasil, em 1970, prosseguiu o seu combate político e artístico, teve várias canções proibidas e, para escapar à censura, criou o heterónimo Julinho da Adelaide, autor das canções “Acorda amor”, “Jorge Maravilha” e “Milagre brasileiro”. Em 1978 estreou a *Ópera do Malandro*, inspirada na *Ópera dos Três Vinténs* de Bertolt Brecht e Kurt Weill, que obteve grande sucesso de público e de crítica, vencendo o prémio Molière.

Em 1991 publicou o romance *Estorvo*, bem recebido pela crítica académica e vencedor dos prémios Jabuti de melhor romance e de livro do ano. Apesar de ter sido o seu primeiro romance, já havia escrito cinco peças teatrais e a novela *Fazenda Modelo* (1974), além do livro infantil *Chapeuzinho Amarelo* (1979) e do poema ilustrado *A Bordo do Rui Barbosa* (1981). Seguiram-se *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003) e *Leite Derramado* (2009). *O Irmão Alemão* (2014), inspirado na vida da família Buarque de Holanda, conjuga ficção e realidade acompanhando o narrador-protagonista na sua busca de um irmão desconhecido. *Essa Gente* (2019) parte do diário de um escritor em crise para fazer o retrato de um país em crise. *Anos de Chumbo e Outros Contos* (2021) é a sua primeira incursão na narrativa breve. Escritor e intérprete de poesia viva, a sensibilidade humanista das suas canções e da sua prosa exprime a história recente do Brasil.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Roger Caillois (2017), Prémio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (2014), Prémio Casa de las Américas (2013), Prémio de Narrativa José María Arguedas (2013), Prémio Jabuti (2010, 2004, 1992), Prémio Molière de Teatro (1978), Troféu da Associação Paulista de Críticos Teatrais (1973).



Autor: Chico Buarque
Título: *Budapeste*
Editora: Companhia das Letras



Autor: Chico Buarque
Título: *O Irmão Alemão*
Editora: Companhia das Letras





20th
20th
PRÉMIO
CAMÕES

Vítor
Aguiar
e Silva

n.PENALVA DO CASTELO,
1939

Foi professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade do Minho, onde fundou e dirigiu o Centro de Estudos Humanísticos e a revista *Diacrítica*. Ocupou diversos cargos nas áreas da educação e da cultura, foi Presidente da Comissão Nacional de Língua Portuguesa, membro do Conselho Nacional de Cultura e professor visitante em diversas universidades estrangeiras.

Sucessivamente reformulada e reeditada, a sua *Teoria da Literatura* (1967) foi a base da história da disciplina no ensino universitário português, conhecendo um grande impacto no Brasil e no mundo hispânico. Autor de uma vasta obra ensaística, os estudos camonianos foram objeto constante da sua atividade de investigador, tendo-se dedicado igualmente ao estudo da literatura portuguesa do Maneirismo, Barroco e Modernismo, bem como a questões relativas à política da língua portuguesa e ao cânone das literaturas de língua portuguesa.

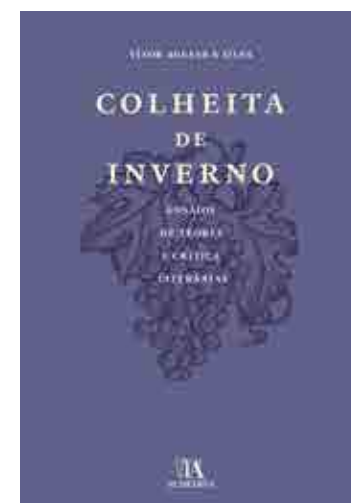
A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural (2018), Prémio Jacinto do Prado Coelho (2011), Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho (2010), Prémio D. Diniz (2008), Grande Prémio Vida Literária APE/CGD (2007), Prémio Vergílio Ferreira (2003). Recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública.



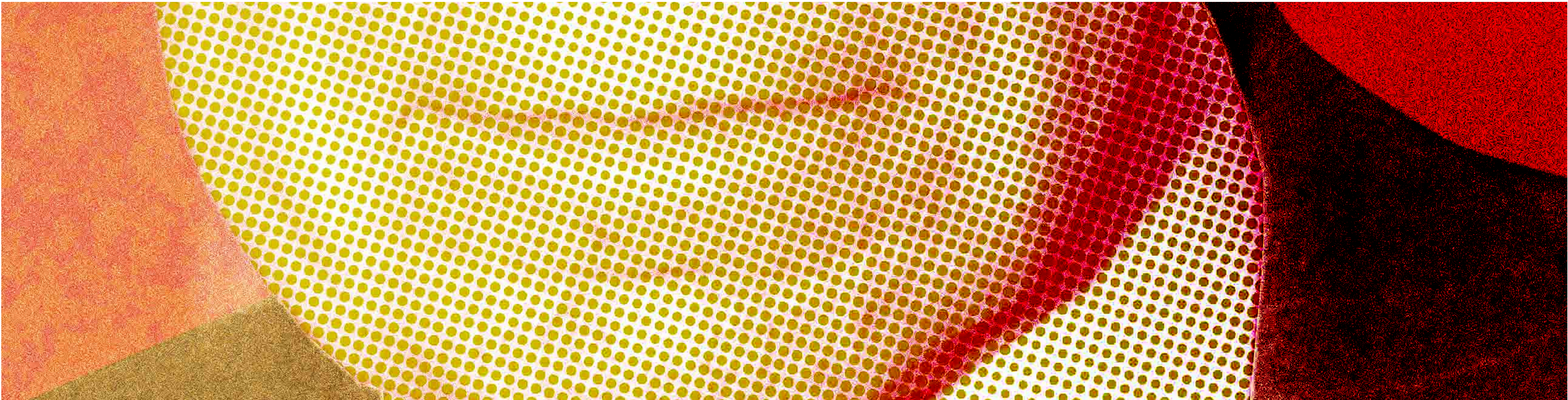
Autors: Vítor Aguiar e Silva
Título: *Teoria da Literatura*
Editora: Almedina



Autors: Vítor Aguiar e Silva
Título: *As Humanidades, Os Estudos Culturais, O Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*
Editora: Almedina



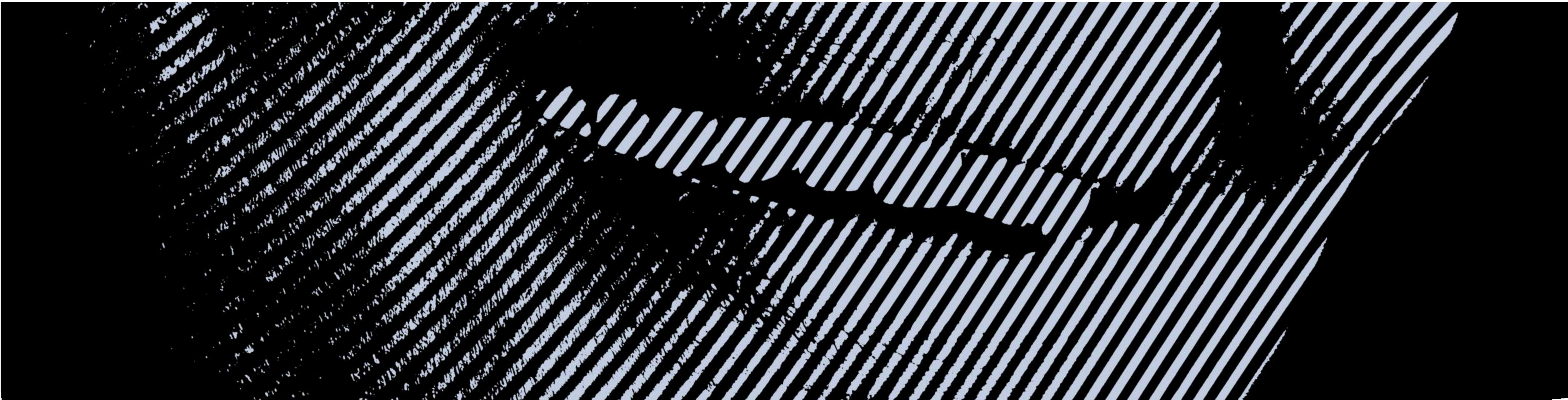
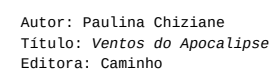
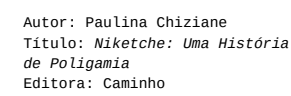
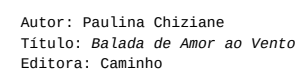
Autors: Vítor Aguiar e Silva
Título: *Colheita de Inverno*
Editora: Almedina

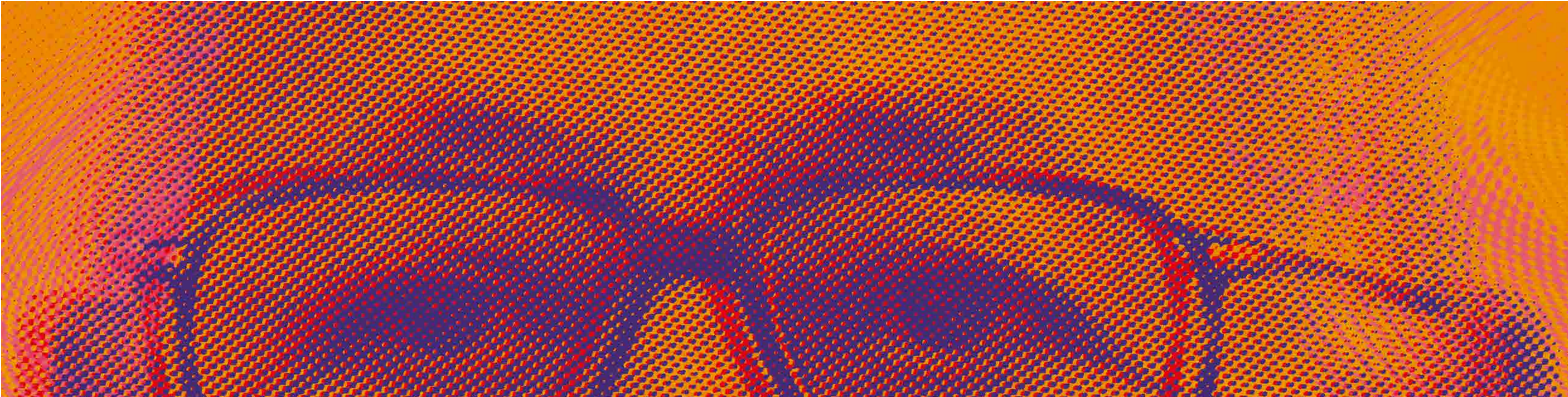


Paulina
Chiziane

Nasceu no seio de uma família protestante onde se falavam as línguas chope e ronga, e aprendeu a língua portuguesa na escola de uma missão católica. Estudou linguística, mas não concluiu o curso. Durante a juventude fez parte da FRELIMO, da qual se afastou, sobretudo devido às diretrizes do partido no que respeita à condição da mulher. Foi voluntária na Cruz Vermelha durante a guerra civil que sucedeu à independência e, após o fim da guerra, integrou o Núcleo das Associações Femininas da Zambézia.

Foi a primeira mulher africana distinguida com o Prémio Camões e recebeu o Prémio José Craveirinha de Literatura (2003). Foi agraciada com o grau de Grande Oficial da Ordem Infante D. Henrique (Portugal).





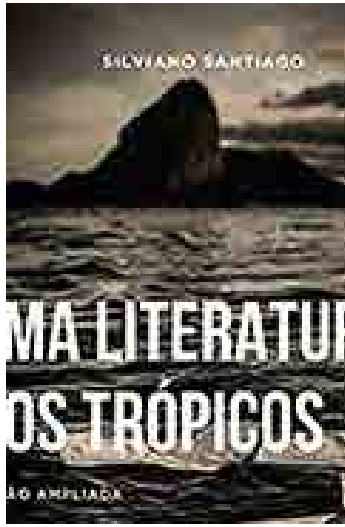
2022
PRÊMIO
CAMÕES

Silviano
Santiago
n. FORMIGA,
1936

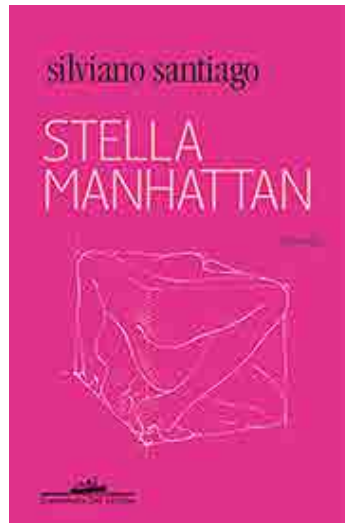
Viveu a infância em Formiga, aos doze anos mudou-se com a família para Belo Horizonte. Em 1954 começou a escrever na *Revista de Cinema* e, um ano mais tarde, integrou o grupo da revista *Complemento*, na qual publicou o seu primeiro conto. Em 1959 licenciou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais e, entre 1960 e 1961, especializou-se em literatura francesa. Nos anos seguintes assumiu o cargo de professor na Universidade do Novo México, de onde transitou para outras universidades nos Estados Unidos e Canadá. Em 1968 obteve o doutoramento em Letras Francesas na Universidade de Paris (Sorbonne). Em 1974 regressou ao Brasil, tornando-se professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, ulteriormente, na Universidade Federal Fluminense, onde hoje é Professor Emérito. Na década de 90 foi colunista no *Jornal do Brasil* e, a partir de 2012, no jornal *O Estado de São Paulo*. Em 2021 foi eleito para a cadeira número 13 da Academia Mineira de Letras.

Escritor, crítico e ensaísta, autor de uma obra multifacetada que conta várias dezenas de títulos, é um dos mais relevantes pensadores contemporâneos do Brasil e da América Latina, no âmbito dos estudos culturais e pós-coloniais, e um dos mais destacados ensaístas de literatura brasileira contemporânea. Analista arguto das relações entre a arte e a sociedade, publicou diversos livros de ensaios hoje considerados clássicos nos estudos literários, como *Uma Literatura nos Trópicos* (1978), *Vale Quanto Pesa* (1982) e *O Cosmopolitismo do Pobre. Crítica Literária e Crítica Cultural* (2004). Autor de obras que dissolvem a fronteira entre ensaio, romance e biografia, como *Em Liberdade* (1981) e *Machado* (2016), nas quais ficciona a biografia de Graciliano Ramos e Machado de Assis, e de ficções vanguardistas, como *Stella Manhattan* (1985) e *Keith Jarret no Blue Note* (1996), nas quais reflete acerca das noções de género, sexualidade e homoerotismo, a sua obra pioneira marcou as últimas décadas da literatura brasileira.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Ezequiel Martínez Estrada (2020), Prémio Jabuti (2017, 2006, 1997, 1993, 1982), Prémio Oceanos (2015), Prémio Ibero-americano de Letras José Donoso (2014), Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2013), Prémio de Ficção da Academia Brasileira de Letras (2009). Entre outras distinções, foi agraciado com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas e de Oficial da Ordem das Artes e das Letras (França), Medalha da Inconfidência do Governo de Minas Gerais, Medalha Rui Barbosa da Fundação Casa de Rui Barbosa, Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura.



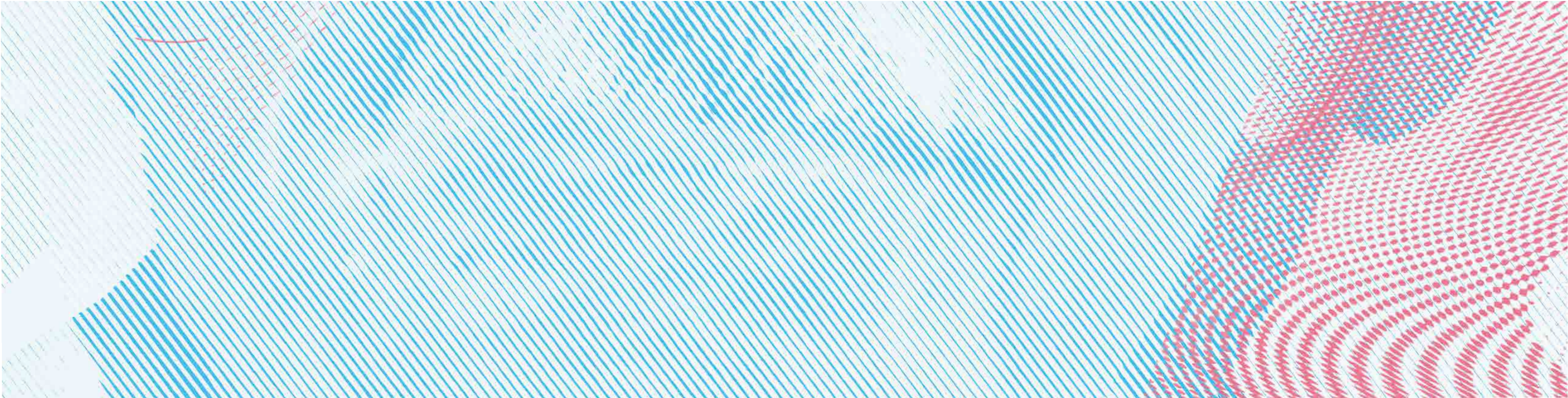
Autor: Silviano Santiago
Título: Uma Literatura nos Trópicos
Editora: Cepe Editora



Autor: Silviano Santiago
Título: Stella Manhattan
Editora: Companhia das Letras



Autor: Silviano Santiago
Título: Machado
Editora: Companhia das Letras





2023
PRÉMIO
CAMÕES

João Barrento
n.ALTER DO CHÃO,
1940

Licenciou-se em Estudos de Filologia Germânica na Faculdade de Letras de Lisboa. De 1965 a 1969, foi leitor de Português na Universidade de Hamburgo e, entre 1969 e 1986, leitor de Língua Alemã e docente de Literatura Alemã e de Literatura Comparada na Faculdade de Letras de Lisboa. De 1986 até se jubilar, foi professor nas áreas de Literatura Alemã, Literatura Comparada e de História e Teoria da Tradução na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Paralelamente, desenvolveu uma atividade regular de publicação em jornais e revistas literárias, portuguesas e alemãs, e pertenceu aos corpos diretivos de diversas associações culturais e literárias, tendo sido Vice-Presidente do PEN Clube Português entre 1994 e 2003. Atualmente é Presidente da Direção da Associação “Espaço Llansol”, da qual foi fundador, e responsável pelo tratamento do espólio da escritora Maria Gabriela Llansol.

Autor de uma obra extensa e multifacetada, o conjunto das suas traduções, em particular no domínio da poesia, tornou-se referencial na divulgação em língua portuguesa do cânone da literatura alemã moderna e contemporânea. Com um labor perseverante e sistemático, transpôs para língua portuguesa dezenas de obras, destacando-se as versões portuguesas das obras de Goethe, Hölderlin, Musil, Walter Benjamin e Paul Celan. Paralelamente, desenvolveu uma obra original no domínio do ensaio, sendo autor de numerosos livros e artigos sobre temas de literatura alemã, portuguesa, inglesa, literatura comparada, teoria da literatura e teoria da tradução. Animada pela interrogação, mais do que por uma ideologia ou sistema, a obra ensaística de João Barrento, densa e reflexiva, sem recusar a alusão própria do universo poético, desdobra-se em múltiplos ângulos que visam iluminar o objeto da análise através de abordagens sucessivas que se constituem como recomeço incessante.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Calouste Gulbenkian da Academia das Ciências de Lisboa para a Tradução de Poesia (1979), Prémio PEN Clube Português de Tradução (1993 e 1999), Prémio Jacinto do Prado Coelho (1996), Grande Prémio de Ensaio APE (1996), Prémio PEN Clube Português de Ensaio (2001 e 2019), Prémio de Tradução Científica e Técnica da União Latina (2005), Grande Prémio de Crónica APE (2006), Prémio de Tradução do Ministério da Cultura Austríaco (2010), Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho (2012), Grande Prémio Vida Literária APE (2021). Recebeu a Cruz de Mérito Alemã (1991) e a Medalha Goethe (1998).



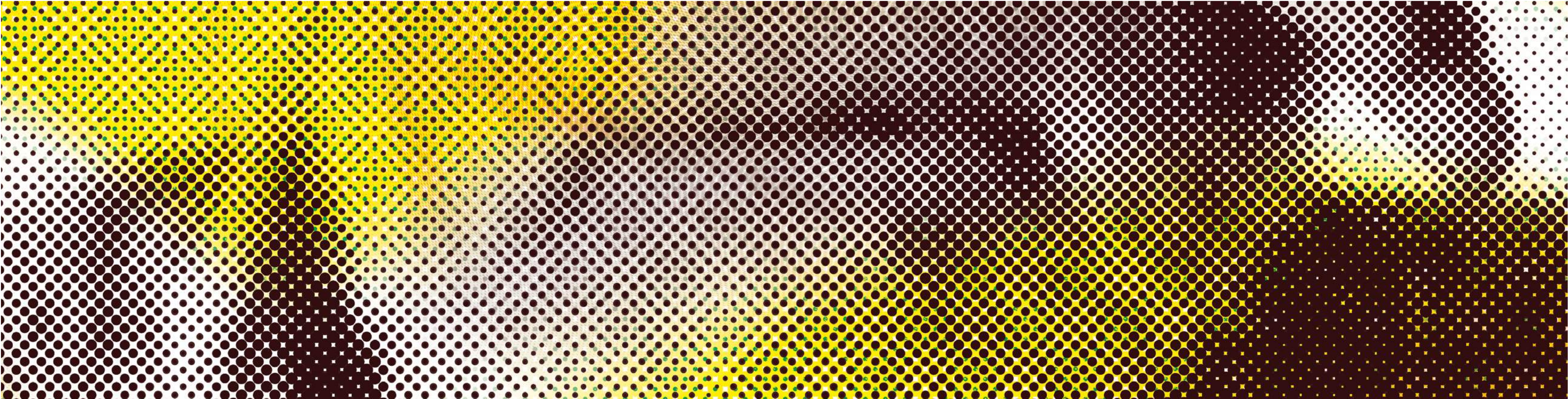
Autor: João Barrento
Título: O Mundo Está Cheio de Deuses
Editora: Assírio & Alvim

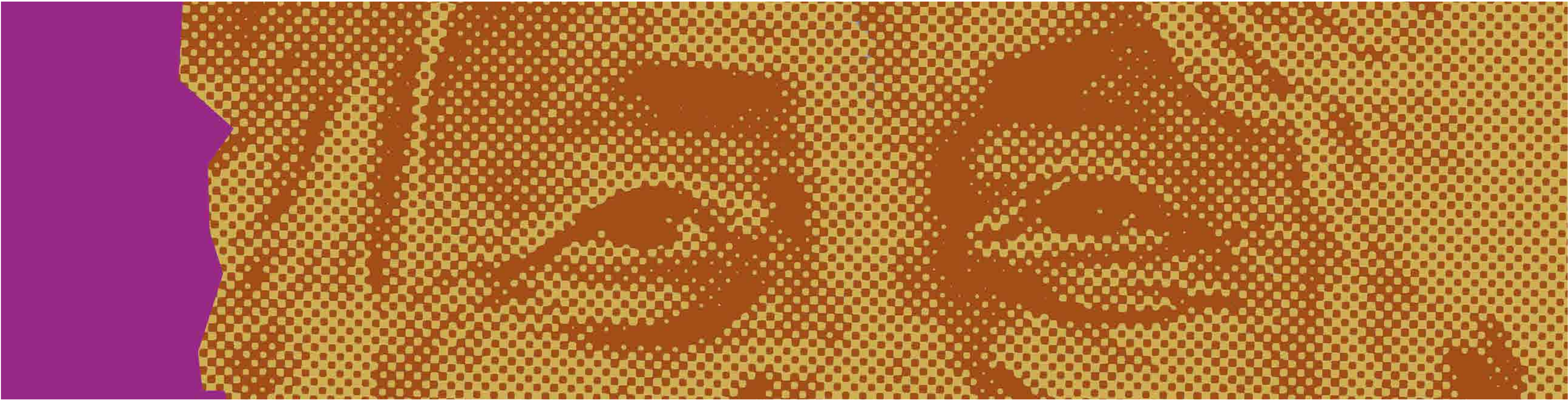


Autor: Johann W. Goethe
Título: Fausto
Editora: Relógio d'Água



Autor: João Barrento
Título: Breviário do Silêncio
Editora: Edições Alambique





2024
PRÊMIO
CAMÕES

Adélia
Prado
n.DIVINÓPOLIS,
1935

Nasceu em Divinópolis onde sempre viveu. Em 1953 conclui o curso de Magistério e começa a lecionar dois anos depois no Ginásio Estadual Luiz de Mello Viana Sobrinho. Casa-se em 1958 e nos anos seguintes nascem os seus cinco filhos. Antes do nascimento da última filha inicia o curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, que conclui em 1973. Em 1975 publica o seu primeiro livro *Bagagem*, após recomendação de Carlos Drummond de Andrade. Com o sucesso da carreira de escritora, abandona o ensino após mais de duas décadas de atividade, nas quais lecionou Educação Religiosa, Moral e Cívica, Filosofia da Educação, Relações Humanas e Introdução à Filosofia. Entre 1983 e 1988, exerce as funções de Chefe da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de Educação e da Cultura de Divinópolis, à qual regressa em 1993. Entre os diversos destaques internacionais, participou em 1985 no II Encontro de Intelectuais pela Soberania dos Povos de Nossa América, em Havana, e em 1988 apresentou-se em Nova York na Semana Brasileira de Poesia.

Poeta, romancista e contista, o seu livro de estreia aos 40 anos, *Bagagem* (1976), teve um notável sucesso entre os pares e o que se lhe seguiu, *O Coração Disparado* (1978), recebeu o Prémio Jabuti. Estreia-se em prosa com *Solte os Cachorros* (1979), a que se seguiram, em cadência regular, vários livros de poesia e prosa. Em paralelo, dirigiu o grupo de teatro amador “Cara e Coragem”, no qual encenou dezenas de peças e, em 1987, poemas de seis livros seus foram reunidos no monólogo *Dona Doida* que, pela voz de Fernanda Montenegro, levou a poesia de Adélia Prado a diversos teatros brasileiros, bem como aos Estados Unidos, Itália e Portugal. No final da década de 80 sofre uma crise de depressão, regressando, após anos de silêncio, com o livro *O Homem da Mão Seca* (1994). Depois de um longo hiato sem publicar poesia, retoma o seu género maior com *A Duração do Dia* (2010), ao qual se segue *Miserere* (2013), uma reunião de 38 poemas onde o desencontro entre a precariedade da condição humana e a veemência do impulso espiritual é a matéria axial. A sua

obra, marcada pela verdade existencial aliada a uma expressão simples e direta, é intérprete atenta do quotidiano e do concreto quanto da abertura à transcendência.

A sua obra foi distinguida com numerosos prémios, entre os quais, além do Prémio Camões: Prémio Jabuti (1978), Prémio ABL de Literatura infantojuvenil (2007), Prémio Literário da Fundação Biblioteca Nacional (2010), Prémio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (2010), Prémio Clarice Lispector (2016), Prémio Governo de Minas Gerais de Literatura (2016), Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2024). Entre outras distinções, foi agraciada com a Ordem do Mérito Cultural do Governo Brasileiro (2014).





20^o
25
PRÉMIO
CÂMÕES

Ana Paula
Tavares
n. LUBANGO,
1952

Nasceu no Lubango, na província angolana de Huíla, onde viveu até aos 20 anos. Iniciou a sua formação superior em História na Faculdade de Letras do Lubango, prosseguindo os estudos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde se licenciou em 1982. Entre 1983 e 1985, regressou a Angola onde exerceu funções como Chefe do Gabinete de Investigação do Centro Nacional de Documentação e Investigação Histórica. Radicada em Portugal desde os anos 90, concluiu em 1996 o mestrado em Literatura Africana e em 2010 o doutoramento em Antropologia. Entre 1994 e 2000 foi Professora na Universidade Católica Portuguesa e em 2010 prossegue a sua atividade de ensino na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde fundou a cadeira de História de Angola. Para lá da atividade letiva e de investigação, empenhou-se na difusão da literatura africana em língua portuguesa e na investigação sobre o legado histórico e antropológico de Angola, tendo colaborado em diversas comissões técnicas ligadas à UNESCO, ao ICOM e ao ICOMOS.

Autora de uma obra literária multifacetada, abrangendo poesia, romance e crónica, o seu primeiro livro de poemas *Ritos de Passagem* (1985) afirmou desde logo um conceito de mulher que contrastava com os modelos sociais e culturais da sociedade angolana, atribuindo-lhe corpo, voz, individualidade e sexualidade. Seguiram-se *O Lago da Lua* (1999) e *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos* (2001) onde conjuga a vivência feminina com a memória histórica de Angola. *Ex-votos* (2003), *Manual para Amantes Desesperados* (2007) e *Como Veias Finas na Terra* (2010) aprofundam a reflexão sobre a condição da mulher, as relações humanas e as dinâmicas de poder, num percurso que culmina em *Poesia Reunida; seguido de Água Selvagem* (2023). Explorou também a crónica em *O Sangue da Buganvília* (1998) e *A Cabeça de Salomé* (2004), bem como o romance em *Os Olhos do Homem que Chorava no Rio*, com Manuel Jorge Marmelo (2005) e *Verbetes para Um Dicionário Afetivo*, com Ondjaki, Manuel Jorge Marmelo e Paulinho Assunção (2016).

A sua obra, numa linguagem contida e precisa, em diálogo com referências muito distintas que vão da tradição oral angolana ao cânone ocidental, questiona as estruturas sociais que perpetuam a opressão e afirma uma voz singular no contexto dos poetas da tradição angolana.

Além do Prémio Camões, a sua obra foi distinguida com o Prémio Mário António de Poesia (2004), Prémio Nacional de Cultura e Artes de Angola (2007), Prémio Internacional Ceppo/Pistoia (2013).



Autor: Ana Paula Tavares
Título: *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos*
Editora: Editorial Caminho



Autor: Ana Paula Tavares
Título: *Como Veias Finas na Terra*
Editora: Editorial Caminho



Autor: Ana Paula Tavares
Título: *Poesia Reunida; seguido de Água Selvagem*
Editora: Editorial Caminho

